VIDA E MORTE

POR

ELVIRA PAGÃ

VIDA E MORTE

POR

ELVIRA PAGÃ

★

1ª Edição

SÃO PAULO - BRASIL

— 1951 —

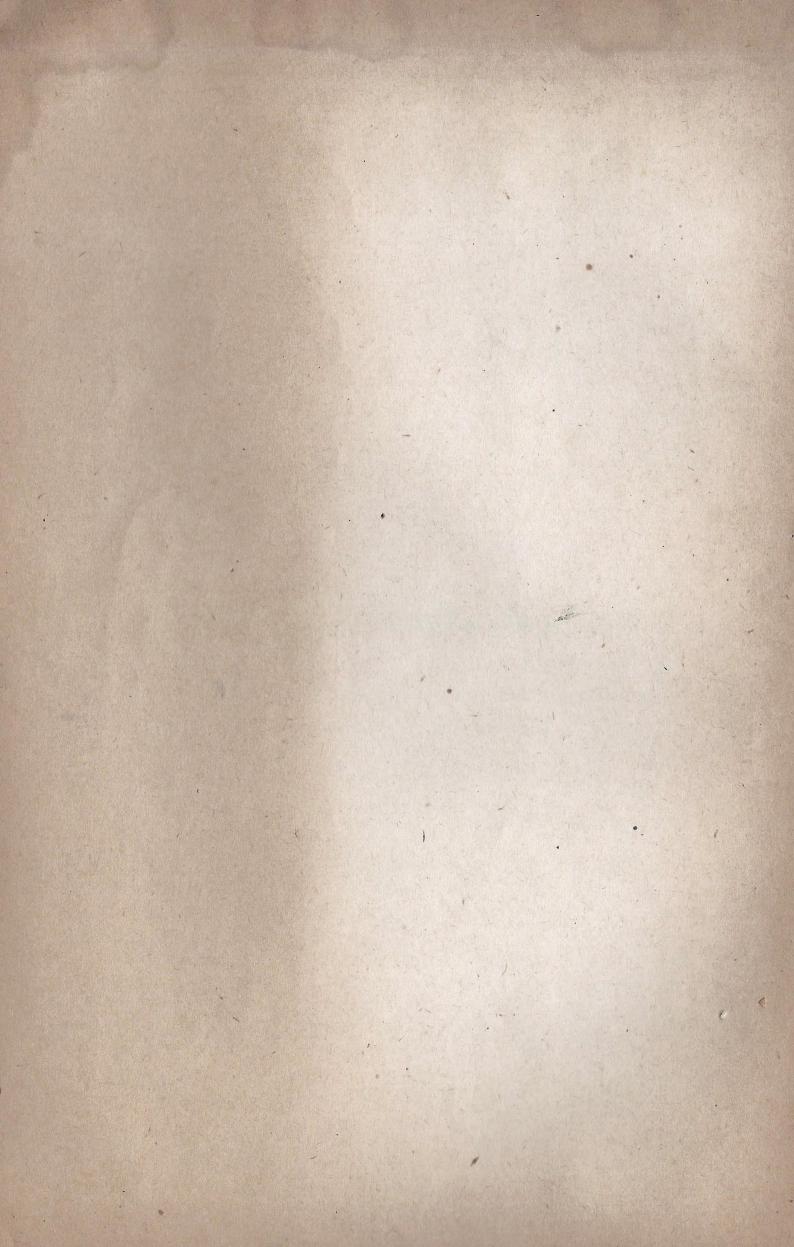
INDICE

Atrás do leque... . . . . pág. 5
O instinto através dos séculos, introdução da Autora » 7
Pensamento . . . . » 13

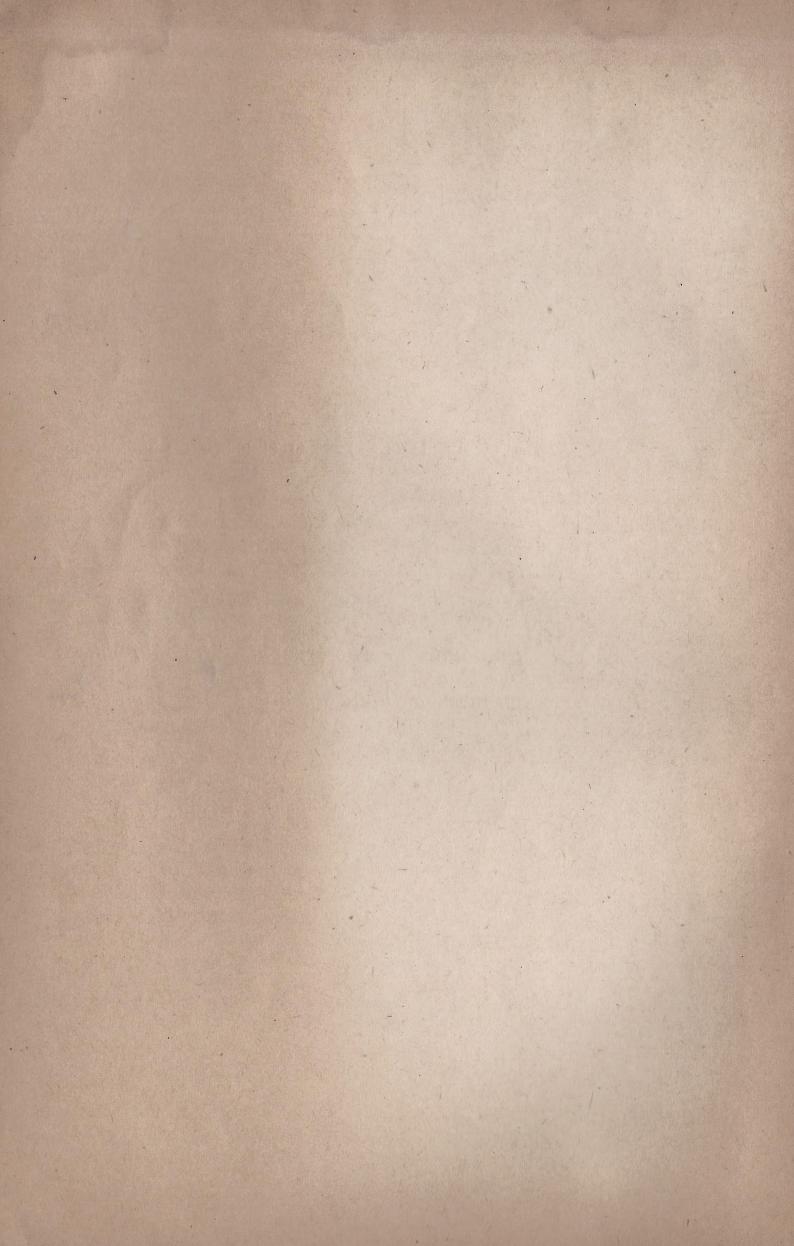
1ª PARTE

CAP. I - « *Pomo* » *na cascata...* . . . . . . » 15
Pensamento . . . . » 21
CAP. II - « *O gozo e a morte* » . . . . . . » 23
Pensamento . . . . » 29
CAP. III - *Ingenuidade* . . . . . . » 31
Pensamento . . . . » 39
CAP. IV - *Confusão de sentimentos* . . . . » 41
Pensamento . . . . » 49
CAP. V - *O Carnaval* . . . . . . » 50

2ª PARTE

Pensamento . . . . » 59
CAP. VI - *Num* « *Cabaret* » *no Mexico* . . . » 60
Pensamento . . . . » 67
CAP. VII - *Reação entre a Arte e a Sociedade* . . » 69
Pensamento . . . . » 75
CAP. VIII - *O amor e as raças* . . . . . » 76
Pensamento . . . . » 83
CAP. IX - *No reino das selvas...* . . . . . » 84
Pensamento . . . . » 91
CAP. X - *O amor e a* « *tara* » . . . . . . » 92
Pensamento . . . . » 99
CAP. XI - *Ceia dos* « *fantasmas* »... . . . . » 100
Pensamento . . . . » 107
CAP. XII - *O sonho dos Samurais* . . . . » 108
Pensamento . . . . » 115
CAP. XIII - *O Amor* . . . . » 116

A T R Á S   D O   L E Q U E . . .

Enquanto a carne arder no « fogo da vida » eu serei a flama do amôr sensual entre os homens...

Elvira Pagã.

O INSTINTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

INTRODUÇÃO DA AUTORA

Tem sido esse o tema dos gregos; dos velhos egípcios milenarios, e nas suas tumbas aos Ramsés, tem sido o tema preferido nas pirâmides e nas mesquitas árabes. O poeta árabe, denominado de Hantar, segundo os historicistas, escalava enormes montanhas para gravar no alto delas seus poemas de amor. Os italianos, exprimem esse sentimento na música e no canto. Os mexicanos nos seus « boleros ». Os nacionais, na sua típica forma de expressão, e nos « folclores » revela a chama eterna que lhes ateia o genio do instinto. O povo grego, na antiguidade, se revelou como nenhum outro povo, ultra mazoquista e ultra sadista. Esses dois sentimentos opostos pela natureza, pertencendo o primeiro á femea, e o segundo ao macho, demonstra a insaciabilidade do instinto de viver que se manifesta em cada um de nós como « paroxismo »; ou êxtase, ou gozo. Esse gozo que gera guerras e revoluções; que transforma a raça humana num sorvedouro de vidas, foi saciado fortemente pelo povo grego nos recônditos das Academias... A literatura grega, nos ilustra com abundância, a forma e o modo como viveu esse povo, e as suas reminiscências nós vamos encontrar em nosso povo, através das danças exoticas, como o « fandango », mistura de dança árabe, com « candomblé »; misticismo dos mouros e reação ao periodo da idade média dos grandes conquistadores ibéricos.

Nos costumes afros os lusos, nas danças típicas do « pau », simbolizam a potência do macho sempre voltada para o serviço da espécie. O duelo do « pau », que assistimos nas festas típicas lusitanas, revela a psicopatologia oculta do sadismo grego. A Grecia, afinal, é o grande « Anfiteatro » onde vibra a imaginação do gozo e do sensualismo. Mulheres gregas eram conduzidas aos grandes « bacanais », enquanto, o

culto ao Deus Fálus, ou Fálico, era de natureza milenaria. A substituição do culto das multidões, pelos seus Deuses, nós hoje encontramos nas procissões mais sublimadas da Igreja Católica.

Os estandartes; as flâmulas; as benseduras; os exorcismos; os incensos, tudo não passa de uma regressão subjetiva ao passado primitivo e longíncuo.

Na sucção dos seios de uma formosa dama encontram os homens, naqueles, a reprodução dos seios maternos. Quando se acaricia parte de um sêr formoso acaricia-se, por certo, parte daquilo que em nós é imperfeito e busca a « perfeição ». Vale dizer, em síntese, que a carícia nossa dirigida ao sexo oposto revela o oposto do nosso sexo que vive, milenàriamente, dentro de nós mesmos. Não existe desejo, nem este se consuma sinão pela libido; pela sensação de vir-a-ser num ente diferente, de sexo contrário. Não existe possibilidade normal de « vir-a-ser » num sêr do mesmo sexo...

Basta atentarmos para a maneira como sugavam os seios, das virgens, os religiosos exorcistas da idade média. Aliás, na fase um pouco aquem, há quatro mil anos antes de Jesus Cristo, as mulheres sacrificadas aos Deuses, tinham os seus seios mastigados, violentemente, pela boca sadista dos padres ou sacerdotes daquelas remotas eras.

Em nome dos Deuses grandes crimes eram cometidos contra as indefesas mulheres. Aos gritos violentos; aos espasmos de dôr, a multidão gozava em delírio, e, agora, passando os séculos, vamos encontrar a mesma humanidade afogada na loucura, nos tempos dos bárbaros romanos.

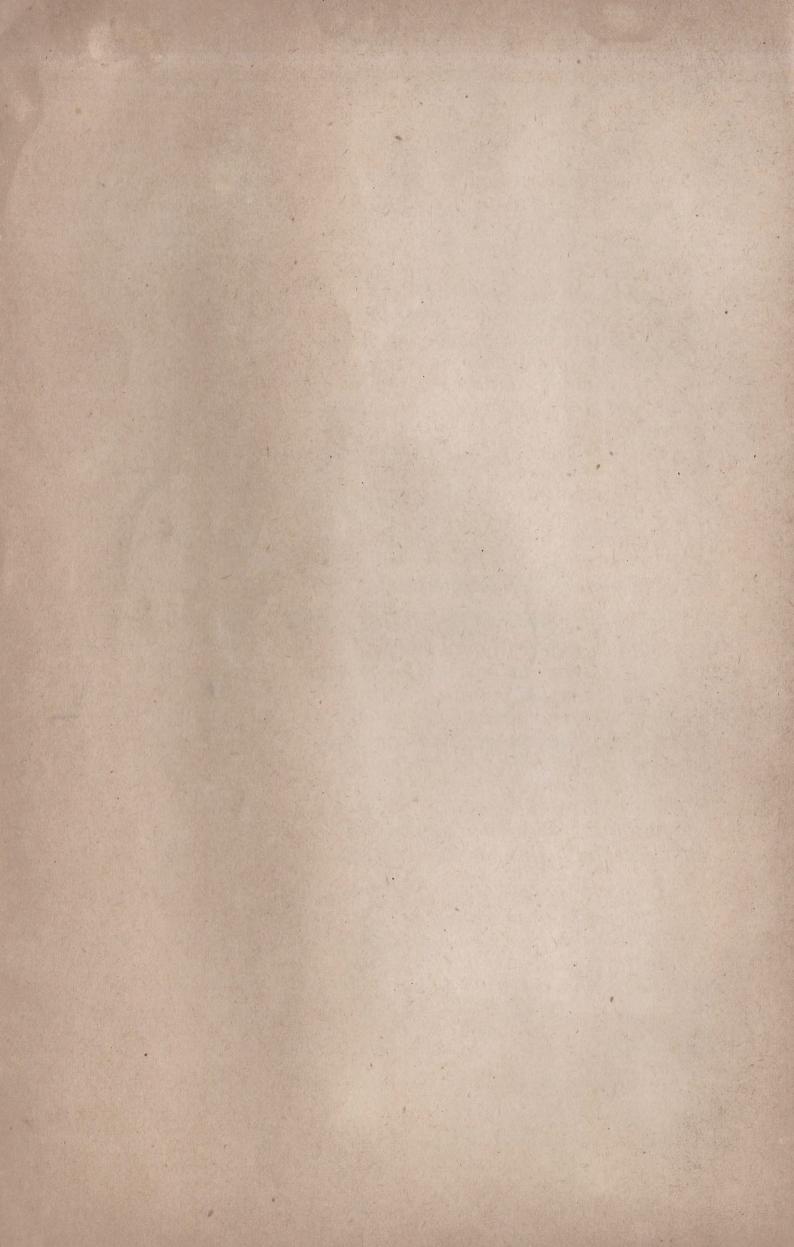
O sacrificio, a gritaria infernal, das grandes massas, ao ver o degladio, o morticinio, enquanto, tombavam os romanos cristãos na arena dos leões. Eram esses, os mesmos sacrificadores dos tempos mais remotos, que pagavam pelos grandes crimes cometidos.

Era a lei inexorável. Os adoradores do «besouro de ouro» como que expiaram os seus mais variados crimes, reencarnando-se no velho e milenario Japão, e agora, sofrendo os mais horríveis castigos diante da energia atômica. Os nordestinos que hoje vemos, perambulando de estado a estado, se refugiando das sêcas do nordeste, mais não são que os primitivos senhores da idade média; os grandes escravocratas da carne humana e que hoje pagam pelos seus crimes sociais. Os senhores de engenho, também, foram escravos; e a cana que hoje é moida, vinda e arrancada dos canaviais imensos, revela um periodo da vida acidentada dos muitos afeitos a esse mistér, que hoje, como simples colonos, recalcam a memória aos tempos em que foram grandes senhores...

As grandes corridas de cavalos, revelam os mesmos compassos romanos, e o som das « cavalgadas », por entre os prados, demonstra o retorno ao som sadista que esse esporte prodigaliza na mente dos afortunados. Em tudo, vemos a mesma lei, inexorável, ditando o designio humano.

No grande festim, encontramos a grande tragédia. Vi homens e mulheres mendigando nas praças públicas e senti neles, os traços da origem nobre, como vi « marqueses » e « duques » nas fisionomias tristes e acabrunhadas como caboclos. É o eterno círculo vicioso da vida. É a eterna repetição! Tudo passa, mas, não passa o mal que cometemos, pois, na repetição da vida, que é a reprodução do passado ao presente, encontramos a razão de cada fenomeno como lei ou causa da própria vida. Vida e morte, pois, não são antagonismos que possam desaparecer por meras conjunturas. Que possam desaparecer, num simples funeral, regado a marcha fúnebre.

O que chamamos de morte, é vida eterna. O que chamamos de vida eterna, é morte eterna. No complexo da vida está a morte. Os mistérios, que hoje assoberbam a nossa existência, é uma fuga sutil dos nossos sentidos que se esqueceram do nosso destino e da razão de nossa peregrinação pelo mundo.

ELVIRA PAGÃ

"Pomo" na cascata.

PENSAMENTO:

« Na beleza e na harmonia dos seios,
a mulher, beijando-os em si mesma,
promete aos Deuses um fruto que
a eternizará através os séculos ».

1ª PARTE

Capítulo I

«POMO» NA CASCATA...

O periodo de minha infância, eu o chamaria de misterioso especialmente no momento psicológico em que me vi inteiramente núa... No frescor dos seios hirtos toda a formosura do busto se me apontava, quando, eu os via nascer para o mundo... Inteiramente só, poucas amisades, amigas dispersas, minha inteira preocupação votava-se ao místico de mim mesma, e, de forma brejeira senti que os meus olhos se crusaram, friamente no espelho mudo...

Uma cascata cintilante, avermelhada, prenunciava pequenas luzes que se acendiam no recôndito de minh'alma... Contemplava o desfiar soturno dos meus cabelos sedosos que no roçar suave, pelos hombros, me embriagavam de extase... Mergulhei-me num mundo diferente; enquanto as mulheres de uma forma geral, sentiriam um certo espanto, eu, pelo contrario, sentia-me encorajada para impulsionar a minha mente na investigação dos problemas da adolescência. Beijei-me profundamente, num egocentrismo conciente, porque só podem amar-se a si mesmos os que amam, acima de tudo, a própria estética.

Como poderia eu demonstrar o imenso amplexo de amor e sensualismo mergulhando no conflito sopitante do instinto de viver? Era realmente, o instinto de viver que em mim clamava por sobrevivência. A agitação dos recalques desapareciam a medida em que eu me identificava com a estética sensual.

Contornavam-se-me as formas e o influxos carnais numa luta intensa que eu travei com o « Desconhecido », ao qual eu chamaria, com bom grado, de « Demônio » do desejo... Que é o desejo senão a súmula do medo de morrer sem haver-se chegado ao designio da perfeição? Vê-se, certamente, que, entre o desejo de sensação e a sensação mesma, existe a preponderância do « genio do instinto »: esse estranho personagem que impulsiona a nossa vida subjetiva.

Evidentemente, a vida subjetiva é o « climax » onde se forjam as formas ou onde se condensam as idéias volutuosas. Agora, transmitirei aos meus amigos leitores, a idéia ou impressão que originou em mim o desejo de me projetar no mundo da manifestação. Imaginemos, por um momento, a emanação de um sutil perfume extasiando a nossa mente. À noite... Na penumbra do mistério, vejo-me silenciosa perdida na vastidão das estrelas scismando no imenso véu salpicado de pequenas luzes... A meu ver, na suavidade das formas, no ardente sensualismo de mim mesma, só via o espasmo de um fogo vivo, — queimando sêres dantescos; os meus olhos saltitantes, bulicosos, viam, no « kaleidoscópio » do tempo, ligeiras sombras de raças diferentes e o mundo — se projetara na imensa vibração do meu « ego ». Como me extasiei ao ver a carinhosa forma do meu dorso: na sua maciês e sobre ele vi uma luta tigrina de homens como pequenos germens a se debater em fúrias... Uns corriam, sòfregamente, enquanto, outros se degladiavam num grito de histerismo...

Meu corpo inteiro, virginal, quente, volutuoso subia mais e mais sobre a forma de um vapor tenue, colorido pela minha imaginação que se estendia além dos meus sentidos, dando ás nuvens e a todo o firmamento o tom vibrante do fogo eterno. Milhões de mulheres compareciam ao espetáculo dantesco para corrigir suas pernas; seus braços; seus olhos sedentos de desejo enquanto o genio da espécie, como um juiz austero, a todos repudiava e a todas acolhia... A música que eu ouvia, era um choque violento entre granitos ancestrais, enquanto os blocos de gelo se fendiam clamorosamente esmagando ondas vulcânicas de chamas; ao envez de quei-

marem o dorso de mulheres núas, dava-lhes frêmitos de êxtase... Impulsionados pela minha estoica força, feminina, os varões subiam pelo espaço numa azáfama infernal, como milhões de abelhas coloridas pelo som de mil trombetas assustadas, enquanto, dos meus olhos, flamejantes, a cobiça imortalizava o amor nas alturas... A minha revolta interna se sublimava pela doce harmonia, na reprodução de novos sêres que caminhavam, mais e mais, para a perfeição.

Meu cérebro, turbilhonante, vagava na ondulação dos espaços triturados; grandes corcéis, que ostentavam delirantes damas (debruçadas sôbre as paisagens do passado), enquanto o calor titanico das chamas, demonstrava que os arbustos se renovavam no turbilhão das cinzas...

Meu corpo inteiro se amalgamava com o desejo e a volúpia do mundo! Num frêmito de luz, a minha carne não se queimava porque a terra, povoada de homens, perfumava-me delicadamente e me inspirava na luta, numa intermescla de vozes, via a mansidão de suas ameaças no sorriso musical de suas desditas. Exibia-lhes o meu dorso; as minhas pernas, para que suas almas caminhassem, firmemente, subindo pela coluna imensa de carne quente; vibrante, cheia de desejo, e, onde iria a Humanidade imortalizar sua transitoria aparência material. Vi-me como razão do Universo; mãe dos mundos, vergasteando o próprio « genio da vida », porque, desde o momento em que penetrei no segredo kósmico, venci o próprio instinto, sentindo-me unida com a arte: essa mesma arte — que é o hálito sublime dos imortais artistas.

Uni-me com o amor dos amores; com o perfume das flôres, pois, compreendi o segredo da vida e beijei o hálito dos deuses...

Era eu a música dos instrumentos; o desejo da própria vontade e o calor imensurável do sol radiava em minha alma inteira...

Olhando para o mundo; lá do alto daquelas atmosferas cheias de luz, um espasmo de emoção crusou-se-me nos espaços e começei a ver de forma diferente de outras mulheres o mundo dos homens.

Começei a ver os homens pelas mulheres, e a velar por elas, no silêncio da minha morada; como o sentinela vigilante da Espécie. Senti-me predestinada a levar ás mulheres o hino eterno da mais velha sabedoria.

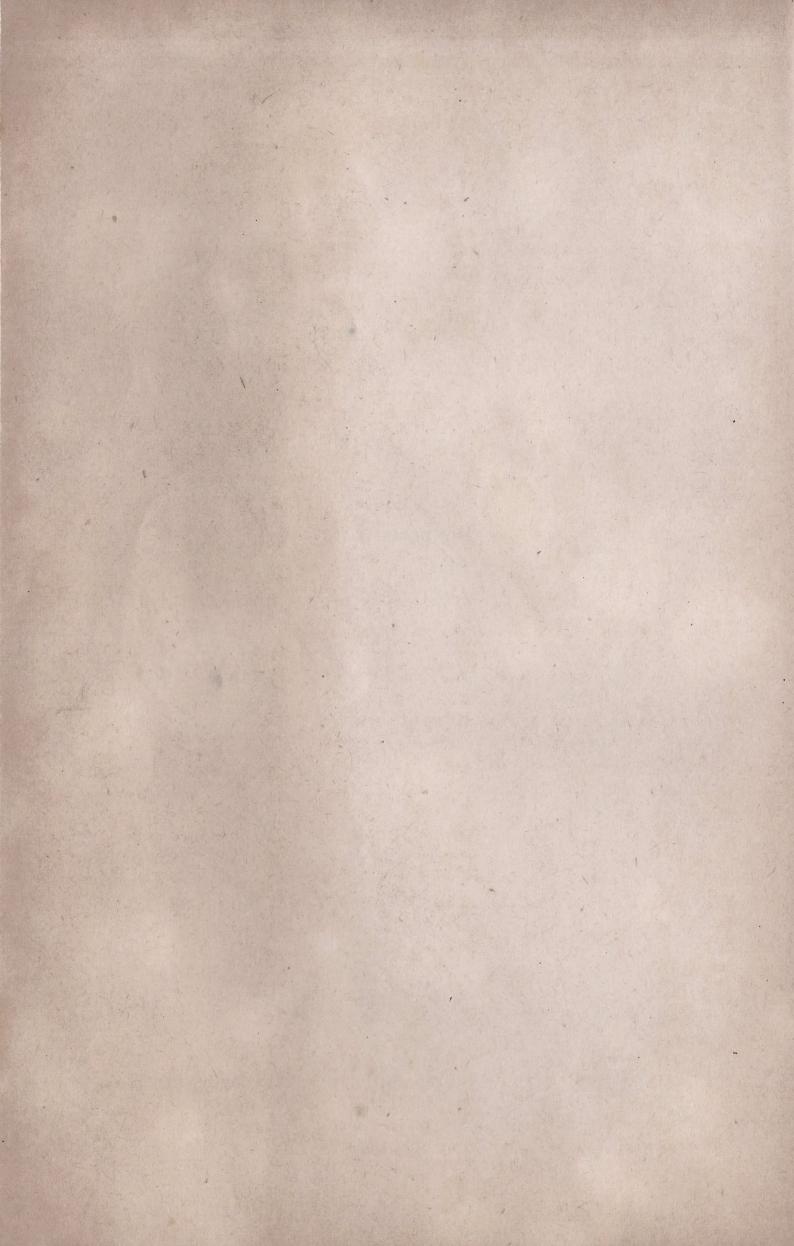
Vì-me saindo de ôdres novos para reentrar-me em velhos tonéis, conduzida pelos mesmos mercadores do meu passado — ao grande emporio da vida...

O vinho que corria das minhas veias, jamais foi bebido pelo maior dos Deuses do Empyreo, porque, o meu sangue súmula do sangue de todas as mulheres tornou-se « imortal »... Desse vinho eterno, grandes reis e lacaios abusaram e ousaram transformar num mero torvelinho para suas paixões descabidas.

Velando pelas mulheres, pela beleza da raça humana, na fase de minha inspiração, eis todo o designio a que me propúz. Meu grande sonho de menina, na fase em que transpuz o limiar da adolescência, em mim se fixou, estranhamente, e uma espécie de véu ia-se-me desvendando — como quando cae o pano do primeiro ato.

O gozo e a morte.

PENSAMENTO:

O gozo é a morte em vida... A morte, é o gozo final

Capítulo II

« O GOZO E A MORTE »

Aos meus leitores vou descrever, agora, como eu sinto e observo o que chamariamos de « morte »...

São mascaras do além; são deusas do nosso mundo, trasendo cada uma a sombra de uma boca; de olhos vivos que nos espreitam, pois, são seres de outros mundos, que ouvindo a música risonha do renascer, desfilam como grandes cordões carnavalescos, cantando suas melodias, que encerram a cena dos grandes « boulevards »...

Eis, leitores amigos, a « morte » — essa sublime amiga dos tempos, representa-nos o mistério da própria vida.

Aquilo que vos assusta, causando medo, chamado como paralização dos sentidos, é um grande espasmo de gozo, o maior talvez, porque, vós o sentis em vida a todo o instante quando vos reproduzis no amor de outra mulher. Vós vos projetais, ou melhor, continuareis a viver morrendo no ato do próprio gozo: essa razão eterna que determina a luta do Homem.

Esse grande eixo universal, que nós chamamos de « metafisica do prazer », é um tratado de esperança sublime de perfeição que o Instinto, como estado de emoção ou grande sensação carnal, estabeleceu com essa força imortal que rege o Universo; que rege o destino dos planetas, vivificando o

próprio sól, quando dois sêres se encontram, na aproximação do desejo.

Todo o Universo trepida num instante, levando-nos á cena do paroxismo, o gozo, o próprio desejo de viver, diante da grande promessa dos Deuses, cumprindo suas obrigações perante o « genio » da Natureza.

Vêde, o ato em que as brumas do mar, na sua candides esverdeada beijam as rochas vivas e silenciosas, num cumprimento recíproco de harmonia.

O instinto é essa força que dorme aparentemente como a rocha, mas fala, sente, e vibra como a beleza das próprias ondas...

Vêde, como os sexos nas plantas, nos arbustos, nos animais, se crusam numa vibração eterna de sonhos.

Vêde o amor dos leões rugindo nas florestas; e, ao lado, o perfume silencioso das flôres recebendo o polen da vida...

O vôo épico e violento da águia, e o bater soturno das asas de um morcego, quando singram espaços enormes para se unirem num amplexo de grande gozo. Vêde, como as estrelas confabulam com os Deuses pedindo-lhes o eterno nétar, que irá conservar-lhes a emoção de seus anceios... A grande sabedoria, está na conservação das nossas emoções.

A vós mulheres, minhas amigas, prendei aos vossos homens; dando-lhes o sublime amor, com a arte com que só eu consegui vibrar na essência masculina, o desejo da própria imortalidade.

Não existe, minhas amigas, nenhuma glória em possuir-se o homem por um instante...

A grande ciência feminina está em atear primeiro a fogueira interna; depois, convidar para o « banquete » o homem; depois, quando ele começar a sentir desejo de apagar a fogueira, faça-o com que nele se incendeie a mesma fogueira; e nele vibre aquela « mulher » que dormia silenciosamente sem haver se despertado para o instinto do amor...

O cântico de um « rouxinol » é a melodia de uma grande orquestra da natureza; os músicos entre si se reunem em grandes « congressos », mas, eles ainda não atingiram a perfeição daquele gozo por mim alcançada...

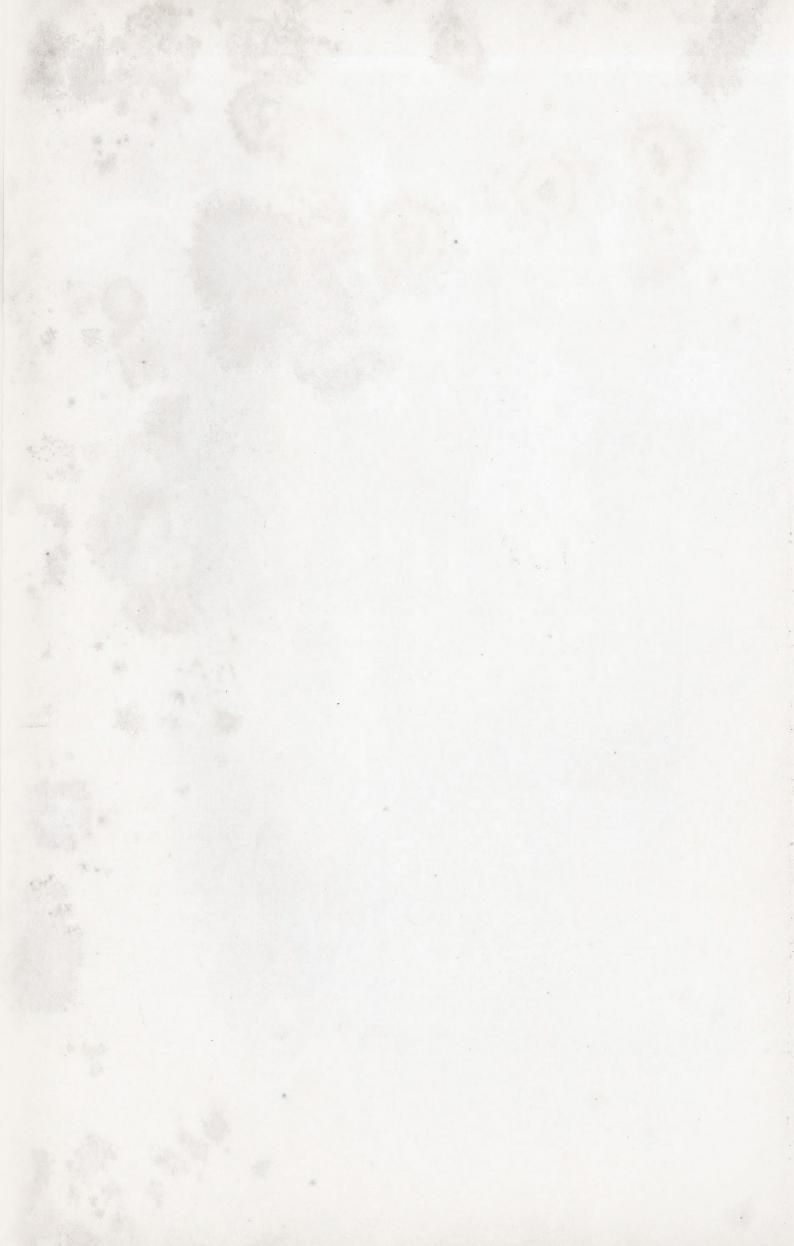
Enquanto nas mulheres que ainda não se despertaram para a eternidade do amor, vibra o anceio; o desejo de ligar-se ao seu amado, em mim, nada mais pode constituir como barreira de preconceitos, porque, superei-as a todas, pela disciplina por mim descoberta no próprio amor.

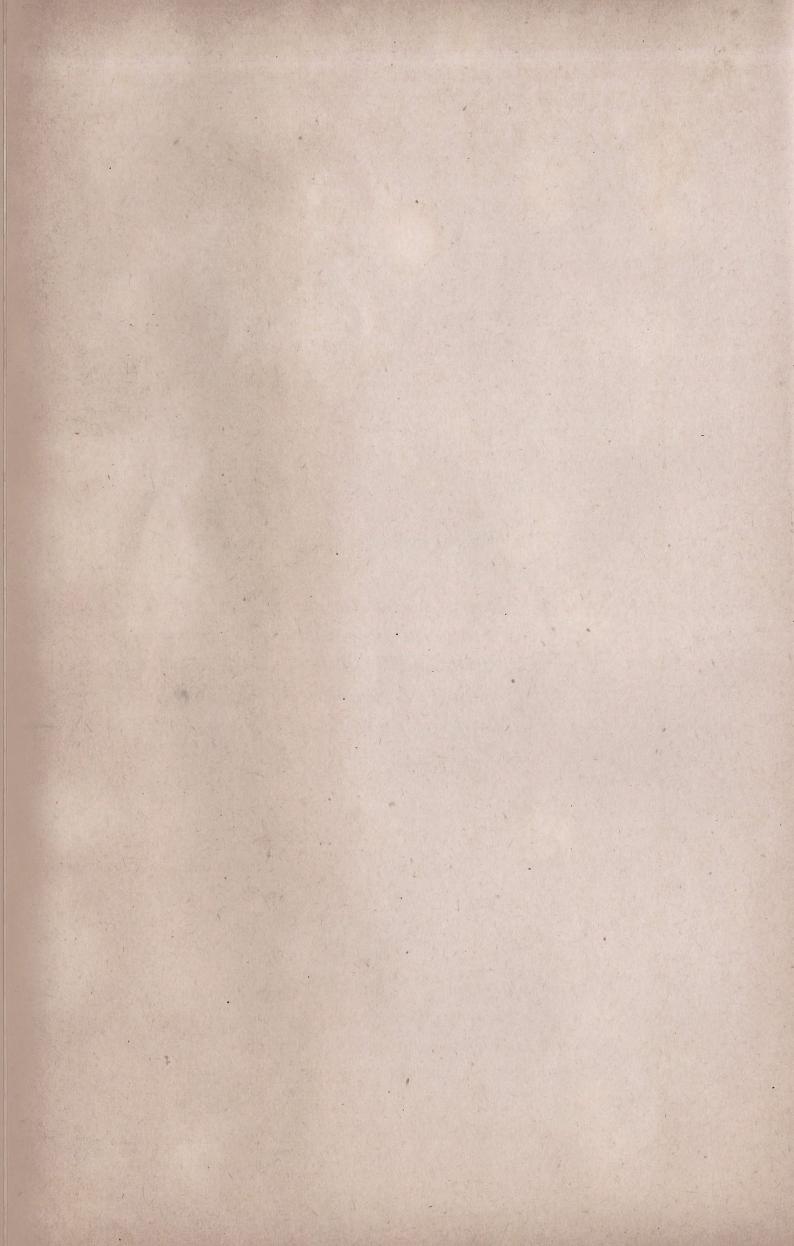
Aprendi e realizei a forma do mais elevado amor, ao atingir o « climax », do « paroxismo »; porque, despertei em mim mesma o oposto do meu sexo sutil, subjetivo (esse condão que desperta os homens para a realidade subjetiva do amor e onde repousa aquele ser do sexo contrario), verifica-se que ele se ateia em flama e vive como realidade na posse do seu contrario... O fato de possuirmos dois sexos, dentro de nós mesmas, não quer diser que devamos ser anormais do ponto-de-vista da espécie determinada.

Possuindo-nos pelo sexo não oposto? Não! Somos mulheres normais; amando com intensidade o sexo contrario, porque, o mesmo sexo vive em nós subjetivamente... Essa união entre sexos contrarios, deve determinar uma prolongada emoção quando conservamos a imagem da própria sensação. Ditar-vos-ei como conservarmos essa emoção; não como « mestre » para sua dicipula; porém, de igual para igual, porque, no campo da vida todos nós estamos na grande « Escola »...

E, agora, para que eu possa descrever de maneira clara um problema tão complexo é preciso que eu recorra a um jogo de imagens; de idéias, para tornar-me acessível ao espírito das grandes multidões. Existe o desejo e o não desejo, ou seja: o repúdio; a repulsa do sexo contrario. Existe o desejo se manifestando como desespero. A observação clara das duas forças, uma querendo e outra não, é súmula do conflito existente, na reunião de ambas, em nosso ser. O conflito que existe em nossa mente, impede a realização desse estado mental tão delicioso que atrae homens e mulheres e que é a vida na própria essência.

Esse conflito impede que amemos, porque, se imaginarmos um « tríduo » carnavalesco, um folião inteiramente mascarado, nota-se que aqueles que se fantasiaram sem usar « mascaras » são os verdadeiros « reis da folia »... Despí-vos, ao lado do seu mancebo... Que caiam os panos da fantasia... Nada de meio termo e arrancai a mascara que ainda oculta o vosso preconceito. No gozo não há alternativa: ou se ama ou não se ama...

Ingenuidade.

PENSAMENTO:

A ingenuidade é sempre um paradoxo que a vida crea para tumultuar a origem do « pecado ». Se existe a virtude como um bem da alma, o pecado não tem razão de ser.

Capítulo III

INGENUIDADE

Ensaio o meu grande salto no abismo da vida e da morte... Vejo os mistérios que me sacodem em delirio a mente agitada, e vôo estrondosamente rasgando o ventre dos céus mais altos, com as minhas asas sonhadoras e arranco fogo das nuvens ao me deslizar pelos horisontes da morte. Derramo, pelos vales por onde passo, o perfume que embriaga e intoxica as plantas noturnas.

Quando se rastejam os homens, por entre os arbustos, vibro-lhes o meu cetro que se mescla com o perfume delicado do amôr; tão tênue como o vapor das nuvens azuis que flutuam no meu firmamento encantado. Vejo, nos horisontes distantes da minha fantasia, o delírio de jovens formosas voando também, em lindos corcéis; rosados uns, azuis outros, enquanto vejo « cavalos no fogo » nas chamas eternas, despindo de seu dorso, mulheres já experimentadas pela « fúria do desejo »... Fogem delas as viboras esbaforidas, escurecendo em grandes bandos, o próprio sól nascente... O universo inteiro trepida lançando lavas vulcânicas sobre os corpos exaustos de mulheres que se retemperam da luta inglória na terra.

Rastejam-se misturando com o fogo vivo das alturas. Por onde elas passam, vejo a luta com os morcegos medonhos a cravar-lhes suas garras aduncas de encontro ás viceras... Os besouros sobem em grandes espirais, como que impulsionados por um grande jato de fumaça pardacenta; ecoam dos monturos e sarcófagos, gritos horríveis de dôr e miséria humanas. Minha imaginação vóa ràpidamente em direção ao som das trombetas que dimanam dos tempos em busca da eterna libertação do homem, do jugo da carne... O fogo já não queima no éter de minh'alma. A languidês de um lamento é perdida pelo grito histérico de uma multidão de mulheres que fugindo aos imperativos eternos da lei da espécie, ali se achavam em grande congresso de sofrimento e dor, para retemperar novas energias; afim-de-que se revestindo de novas formas pudessem melhor servir aos designios do instinto.

Finda-se, numa só noite, o imenso rosario de tristeza na penumbra do passado e no sorriso do presente. Ah! aqueles pequenos sêres humanos que incendiavam a minh'alma com aquelas tochas, vestindo-se com indumentarias exquisitas, eram bruchas do mal; eram sombras do além, voando em largos tons, pelos horisontes carregados, enquanto, minha luta dantesca com esses demoniacos, continuava na vastidão das alturas.

Ah! aquelas sombras de mulheres; com fisionomias diferentes, me parecendo pertencer a um aglomerado de raças, como « lantejoulas » via a imensa « zarabanda », e o diabo, com sua rica fantasia escarlate, olhos gritantes, vermelhos como brasa, com afiada lança a ferir o dorso daquela multidão de mulheres... Rindo gostosamente, e ferindo-as tigrinamente, enquanto saltava de momento em momento pisando sôbre os corações de mulheres que clamavam por misericórdia. As « lantejoulas », quedavam-se mirrando como se fragmenta (na borrasca) uma linda fantasia de uma donsela traida pelo namorado...

Grossas cortinas de fumo misturam-se com as nuvens que passeiam indiferentes, e se me desponta ao longe, em pleno mar, calmo e manso, como o sonho de um mercador que se mergulha na ilusão das esmeraldas. Eclodem, de encontro ao convés, as brumas revoltadas e serpenteia a nave dos meus pensamentos...

Eis um novo aspeto do turbilhão. Uma miríade de estrelas aureola a abóbada celeste. Meus sonhos de adolescente, revelam-me uma tendência no sentido de eu conservar uma espécie de segredo de minha origem...

Vejo que, a unidade da minha mente, encontra um grande éco em mim mesma, e presservo com virilidade, os mistérios que vou desvendando a medida que penetro na vastidão dos segredos da natureza. Vejo e sinto o conflito que existe entre a razão e os sentimentos, ambos se degladiando na mesma origem que tiveram ilustres varões sôbre a face da terra. Na profundesa da nossa conciência; a meu parecer jaz a memória dos nossos antepassados, e a isso, a hereditariedade encontra explicação nos fenomenos herdados de cada um. Minha mente, sempre pesquisou a origem dos vícios, pois, apezar de minha ingenuidade sentia no vício uma necessidade do instinto. Em verdade, no amor que sente a mulher pelo homem, nessa angústia profunda (como quando o desejo consome os olhos lânguidos da donsela apaixonada), vejo que ela se entrega inteira e involuntariamente, cometendo gravíssimo erro, porque, o fez sem ouvir os sabios conselhos maternos. Todo o seu coração, a mulher o entrega ao homem porque a natureza é perfeita e exige essa eterna submissão do instinto ao desígnio absoluto da Espécie. A mulher, assim, não espera a continuação de si mesma, e, sim, a continuação de seus antepassados que não atingiram a perfeição e vêm ensaiando essa mesma tendência de perfeição (de geração em geração), de raça em raça, misturando-se, de momento a momento. Os paes da moça que vigiam os seus destinos realizam, de forma absoluta, o seu supremo ideal quando conseguem um enlace matrimonial com o homem por eles escolhido... No entretanto, o homem que eles escolhem, nem sempre é o homem que a mulher ama. Aqueles, veem o subjetivo do destino da filha; e, esta vê na cegueira do amor, com maior realismo e agudesa, o tipo mais perfeito que o namorado expontâneo da mulher irá concatenar... Os sexos de um e outro, quando não desviados do destino absoluto, tendem a realizar em comum o subjetivo do instinto que é, a meu ver, o subjetivo da própria espécie.

Assim, é a mulher símbolo de eterna creação, representando a síntese do mundo. Nela, o utero é a expressão que concatena o nacimento e a morte. É o homem a continuação masculina da mulher, e, indo mais além, é a continuação da avó. A mulher, tradúz a essencia do avô, em forma feminina possuindo o homem, porque, em verdade é ele « possuido pela mulher »... Não possue ele a mulher, como lemos na legislação e nos tratados de medicina e direito.

Há gravíssimo erro de conclusão. Basta vermos a vida do « espermatozoide » vivendo os três dias de agonia a espera do óvulo... Não perde ele a cabeça enterrando-a no ovoide feminino? Pois bem! Morre ele na sua correria desenfreada em busca de vida. Logo, vida é a morte, e, seus mistérios assim se explicam pelos opostos; pela ordem inversa das cousas. O homem, é a continuação masculina da mulher e onde nela ele está ausente, nele ela está presente. Um é a súmula do outro. O homem, é como a grande arvore milenar que ostenta frondosos ramos, mas, ai dele se as raizes que o sustentam se desmoronarem...

Essas raizes, em verdade são as mulheres. Somos nós as que sustentamos o destino dos mundos. Somos deusas do grande Universo e donas absolutas da terra e dos céus. Quando arrancais a mascara do preconceito, essa névoa que encobre o desvendar da luz, bem debaixo dela, está o nétar do êxtase; o gozo dos gozos, como um tóxico que tudo embriaga e tudo reduz... Tudo fragmenta, num só espasmo... O êxtase de emoção suprema é a seiva que une o instinto ao espírito; um liga-se ao outro, qual filamento ou ligamento perpétuo que só os Deuses, em verdade, podem separar. O conflito do desejo deve cessar no instante em que o desejo exaure e cumpre seu imperativo maior: o saciamento das paixões; a realização do máximo de prazer no máximo da dôr.

Realmente, só se deseja quando se é inspirado na fonte do eterno amor afrodisíaco, pois, bebemos nele o fino licor: que crea as ondulações dos crepúsculos, nas subjetivas « nuances » que tudo embriaga, saindo desse imenso conflito uma tênue substância gelada como nos flocos de neve das regiões polares. A isso eu chamo de « Nada »; de substância do « Nada ». Neste está a substância do que existe como realidade. Nesta vibra a emoção eterna, como a mais bela mú-

sica e a mais sublime de um complicado instrumento. Olhai, como vicejam, nos monturos, as flôres; no lôdo o lírio; que mais belo é que as rendas das vossas noivas numa noite de lírico festim...

Vêde, como nascem nas plantas o desejo de viver e nos arbustos o desejo de ser, aformoseiando o perfume no frasco delicado da fantasia. Tudo se crusa numa vibração eterna de sonhos.

O vôo épico e violento das aguias, talvez seja um pesadelo de um morcego que, após haver degladiado a sua caça, imagina (com ventre enorme) ser negro « gavião » com unhas afiadíssimas, eis que suas asas batem soturnamente... Vêde como singram as aguias enormes espaços para se unirem, num grande amplexo de amor e ventura, ao seu oposto...

O debate que sofre a vitima, quando é miseravelmente ferida em suas garras, demonstra um direito natural que as aves de rapina sentem ao atentar contra a vida de outros voadores ou bipedes. Como confabulam os Deuses com as estrelas: suas eternas namoradas (suas formosas noivas em nossos sonhos), buscando no anceio o nétar aos seus prazeres nas alturas...

A grande sabedoria está na conservação das nossas emoções. A vós donselas, minhas amigas, quando prenderdes o vosso homem, faça-o com inteligência e sagacidade.

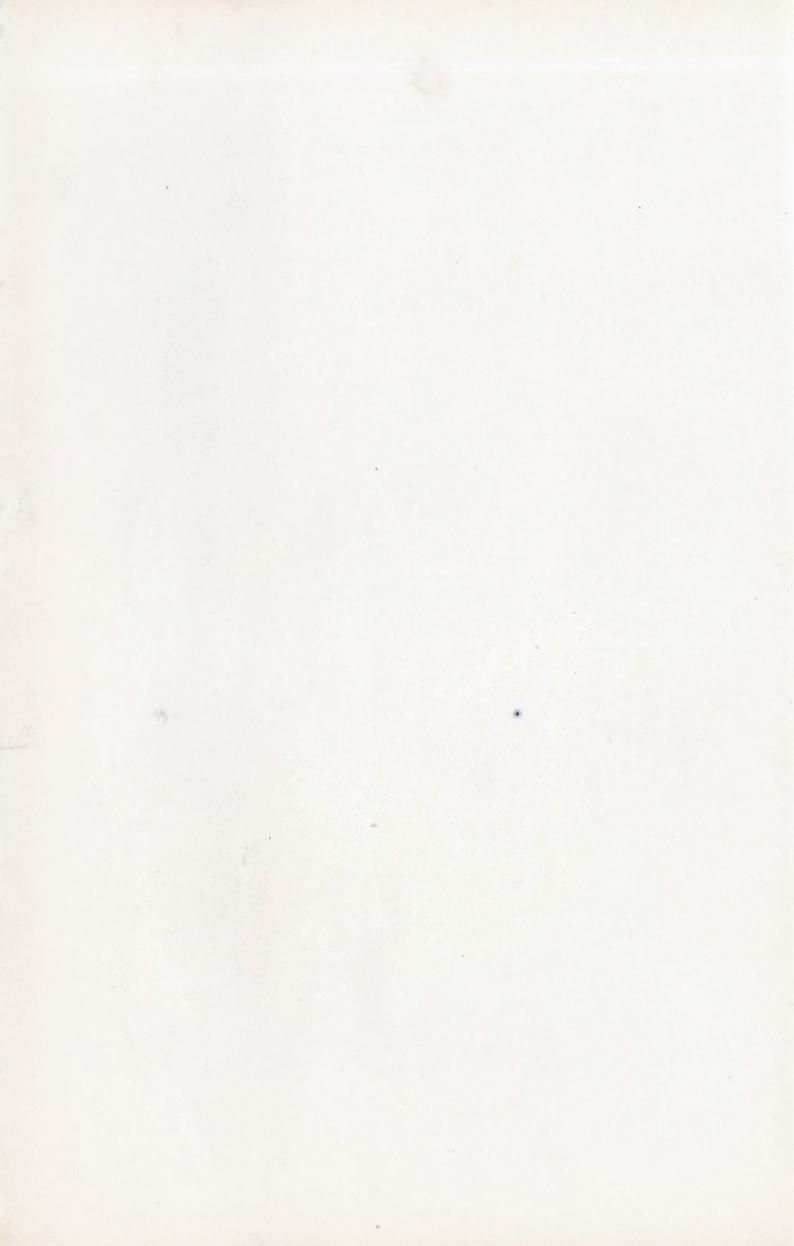
Quando ele sentir o desejo de se reproduzir através do gozo, (que é um ardil da natureza para prender o homem e a mulher aos seus designios), faça-o conservar aquele desejo, tão sutil, tão delicado na fantasia do próprio desejo sem que ele possa possuir-vos...

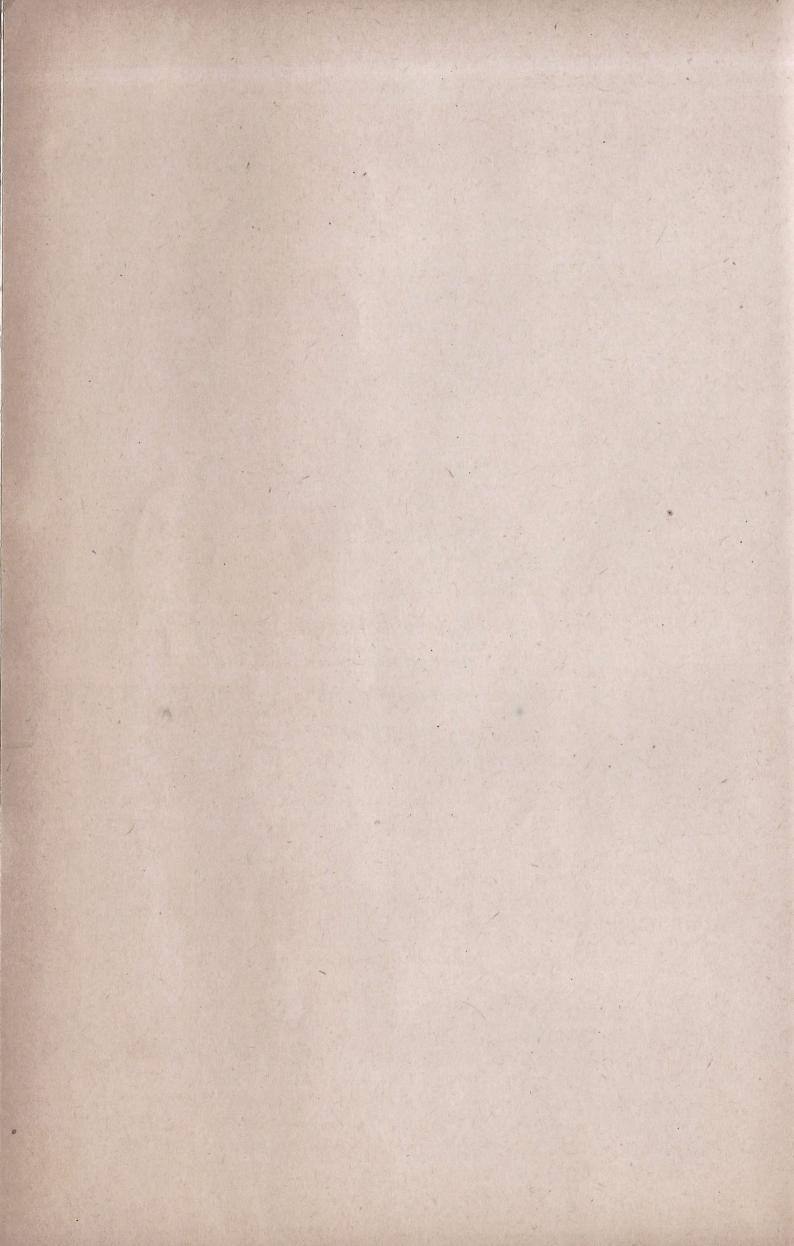
Agora, a vossa luta e desejo de assim proceder, demandará uma grande friesa e força de vontade. Imagineis, por um instante, que ele é vosso inimigo; metei os pés no gêlo, mas, afastai-vos dele, para que não possa o amado abusar da vossa fraquesa... O que ele quer, é um só « momento »; um só

« espasmo »... Uma só emoção... Depois, seus olhos flamejantes; seus pensamentos em aflição, se voltarão para outra mulher que relutou e recusou entregar-se aos seus vãos caprichos masculinos.

Não vos entregueis ao homem que apenas vos deseja, nem deixeis que ele abuse de vossa ingenuidade. É a minha oração! O meu conselho amigo á vós virgens, que tendes um grande destino pelos horisontes os quais se despontam aos seus olhos.

Sejai delicadas, discretas, e desviai o espírito de conquista para outro terreno mais subjetivo e fazei da música um outro encanto. O encanto do compromisso!... Do solenissimo compromisso...

Confusão de sentimentos.

PENSAMENTO:

Aquele de vós que praticais o mal, em verdade, não tivestes outra noção senão a do próprio mal que contra vós já foi praticado.

Capítulo IV

CONFUSÃO DE SENTIMENTOS

Os nossos sentidos representam o desejo de viver, que é uma lei eterna da própria natureza universal, que tem no indivíduo a continuação do que é imperfeito em busca do mais perfeito; do mais harmônico e belo. A sêde que sente o instinto; o desejo que se manifesta no fundo do nosso ser é sempre um dos ramos da grande arvore onde frutifica com magestade absoluta a natureza humana. O turbilhão de raças; a confusão dos sentimentos que em todos nós se desponta, sob a forma de ansiedade, mais não é que a virulência dos sentidos, ditando e conduzindo a nossa conciência em direção ao Desconhecido: eis, pois, no homem, de forma absoluta e não relativa, o próprio inconciente universal.

O homem, ao sofrer uma tenaz perseguição, toda a espécie humana como um só corpo se agita para o fim único de esmagá-lo de encontro aos muros do destino. Assim foi quando as mais atroses injustiças culminaram no bárbaro espancamento que eu sofri por ocasião das agitações naquele Bar... « Cassetete » e « pancadaria », não intimidam os artistas. Maximé quando são aplicadas palmatorias violentas numa mulher, todo o seu mundo interior, toda a paixão da espécie humana, que nela jaz inconciente, levanta-se numa só onda de revolta, pois, dentro dela, quem se levanta é a voz da massa, é a voz sublime e revoltada do grande povo por quem ela vive e vibra; por quem vive e palpita o mundo interior do artista.

A ofensa e as violências desfechadas contra a sensibilidade da mulher; mais além, contra a sua integridade fisica, não encontra éco e sim repúdio na conciência das multidões; na mente dos homens cultos que acima de tudo sentem que lhes repugna o uso da violência como recurso extremo da própria incivilidade. Não se consegue destruir a natureza do instinto, porque, a algamassa de que ela se compõe é como o éter do espírito.

Maleável; incombustivel como a alma, transforma-se, mas, conserva imutável e vivo o princípio da plasticidade. É o desejo-de-viver do instinto a suprema razão do movimento kósmico. O que vive de forma absoluta a todo o instante que se movimenta a luz dos nossos sentidos, é a morte tomada no seu sentido relativo. O que pensamos ser a vida dos prazeres e das ilusões é a morte que vibra, com profunda exatidão, suas garras aduncas na pureza maravilhosa dos nossos sentimentos. Isto é, em todo traço de nossa personalidade, há um perfil delicado de sensação gravitando e cheio de intermescla com prazer e desespero... Vibra, se envolvendo em grinaldas perfumadas, a essência do amor se manifestando na origem da existência humana.

O desespero; o conflito; a agitação de sentimentos não passam de meros grunhidos de uma única força que quer viver; pois, quer ela se perpetuar no mundo das ilusões.

Se a vida, essa grande quimera dos sentidos, nos conduz para o baile da fantasia, por que fugirmos do rosario ou borborinho onde ardem as nossas lamentações? Olhemos, agora, a vida por um outro aspeto: se ela é a maravilhosa concepção do que é real e emocionante, e não fugisse da morte poderiam ambas destruir-se?... Que diriamos se houvesse um atrito entre a vida e a morte e dai surgisse uma outra causa desconhecida de nossa mente? Se imaginássemos a destruição da vida e da morte, que diriamos dos seus mistérios? Continuariam eles a existir?

Se não houvesse nem vida ou morte, alguma cousa continuaria a existir... Por certo o « Nada » continuaria a existir desde que o consideremos como sendo o « éter » da vida... No « éter » os nossos sonhos tomam forma? Corporificam-se? Uma grande utopia a resposta que não seja paradoxal. Eis a fantasia... Por « baal »! Sobem os fogos de bengala, estourando nas alturas... São « discos prateados ». São pérolas em

flôr... Nossa imaginação sobe em delírio, ao vapor encantado, perdendo-se na mansidão azul dos perfumes delirantes. Os campos se enfeitam de flôres, e espelham as campinas verdejantes o veludo risonho dos seus lindos tapetes. Animais que acordam em seus roupões coloridos, descem até as cascatas para deleitar-se no banho das crisálidas... Mistura-se o gorgeio dos pássaros, com o turbilhão grotesco dos grandes vales, que oculta o fruto decantado do amôr.

Tudo se repete no frêmito do gozo; na ânsia de viver o próprio « coxo » se levanta; anda o paralítico e o cego contempla com a imaginação febril, o corpo escultural da fêmea. Os pés de Fauno — esse Deus do amôr — irradia o seu perfume misturando âmbar com mirrha; fáz dessa confusão insenso e dela fáz volatilizar o pensamento que vae embrigar os próprios sentidos.

Recomeça o « fausto »... É a orgia! A sensação monstruosa dos « bacanais »... Tudo se reconstroi e vive na potência do querer. Perdem-se os sentidos na fantasia da emboscada onde vae o instinto beber no cálice da amargura.

Vem o arrependimento. A dôr da languidês. Tudo cessa enquanto se desmorona o cristal da fantasia. O arrependimento, é a repetição das emoções. Sem aquele não se compreende o « circulo-vicioso ». O nosso coração se enclausura como um doce sonho musicado. Tudo, vae-se diluindo! Diluindo... Enquanto o nosso coração inteiro busca lenitivo ao desespero que é um tóxico latente entre o arrependimento e a vontade-de-viver. O desespero, é um ardil da vida; é o gozo; o amôr. O desejo de sêr: é a ventura vivendo no cálice da amargura. Fere-se a nossa alma ao despotismo. A fagulha desse choque incendeia a nossa sensibilidade provocando viva chama...

O despotismo, é a recompensa. Em nosso sêr se agita a expressão da promessa, esboçada na fisionomia triste do pesadêlo. O grito que ouvimos, quando se abre o grande abismo dentro de nós mesmos, se assemelhando a uma voz rouca partindo de uma cabana misteriosa, no fundo da noite, e na penúmbra do Desconhecido, mais não é que o amôr se agitando no mar furioso que se enclausura mansamente nos sulcos das rochas vivas, acariciando o dorso de peixes assustados, surpreendidos em lírico congresso sensual...

As espumas bravias perdem-se, no eterno murmúrio, na calada da noite... As montanhas que se agitam em nossa mente; os verdes descampados, mais não são que o rosario enfeitando gigantes: numa dança macabra com mulheres pequeninas na república dos pigmeus; eis, o Universo sob um novo aspeto... Não passam de grãos-de-areia perdidos no lodaçal do conflito, as gotas de orvalho que beijam os nossos sonhos...

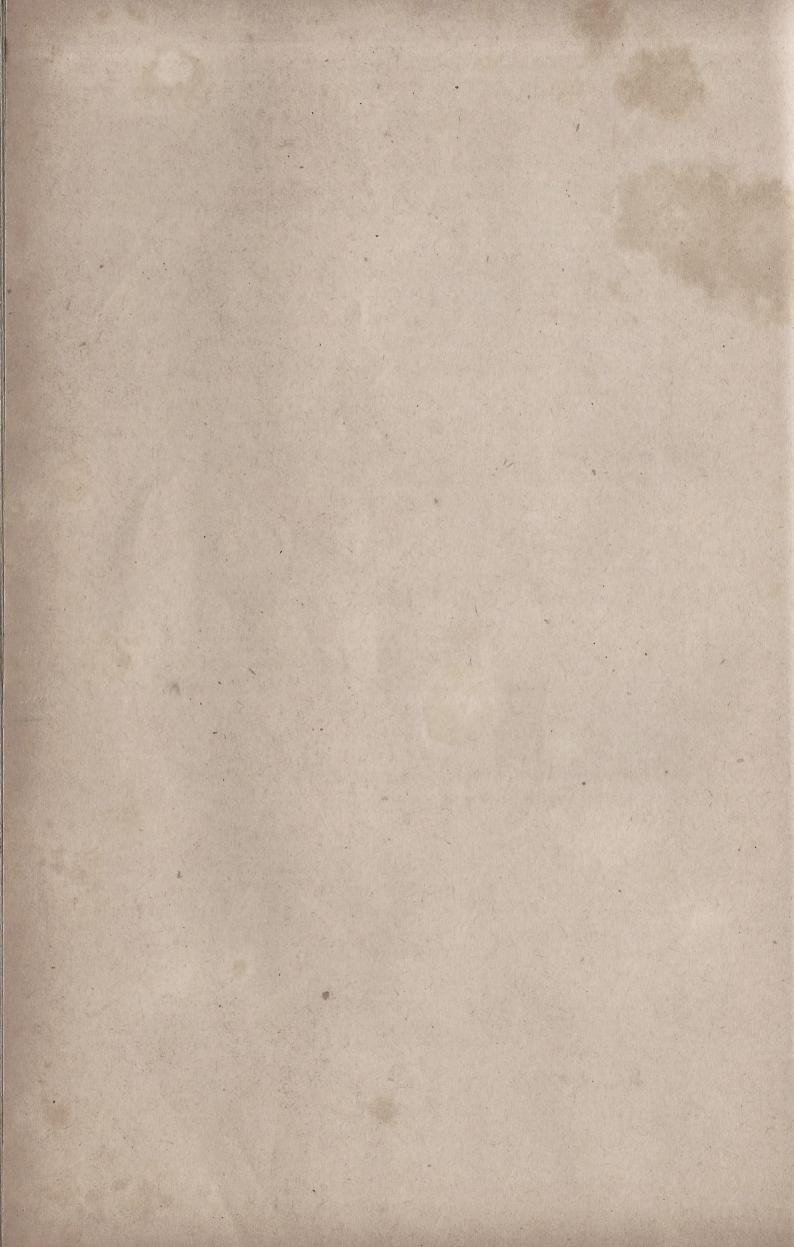
Vêde, agora, o destino da Humanidade. Duas são as trajetorias pelas quais podemos observar o conflito humano: numa, vemos o mal como um desafio a virtude. Dois opostos que se encontraram e buscam perpetuar-se, cada um por si só... É a razão do bem como um atributo do indivíduo. O homem que incide no mal, sente-se bem ao cometer uma má ação; viola um preceito de moral que o seu instinto atrofiado reclama como « motivo de vingança ». Evidentemente, como todo o mal é um oposto, e todo o bem igualmente é um outro oposto; ambos, bem e mal representam uma única cousa, porque, se o bem alivia as dôres de quem sofre, que vê no bem recebido uma mitigação ao sofrimento, a virtude do bem não está no mal em si. Em essência, muitas vezes, o mal é um bem, como o bem uma necessidade decorrente do próprio mal. Amputa-se a perna no caso de uma « gangrena »; o doente sente o mal que lhe fiseram, enquanto, o médico vê nisso uma necessidade imperiosa da anatomia operatoria.

É isso um bem imaginario, se a morte para o doente, seria talvez mil vezes preferível que o arrastar dolente e soturno de uma só perna? Eu acredito mais no dominio da «tara» do que própriamente no desejo de faser-se o mal. Isto é: o mal que se faz é o resultado de uma « tara » fruto de acumulação de memórias; estas, são atávicas. Eu as sinto e interpreto como oriundas dos nossos antepassados. A hereditariedade é uma consequência da incompreensão mental dos nossos paes. Indo mais além: dos nossos avós; eis aqui o fundamento da hereditariedade psicológica, que é posto em dúvida pela personalidade independente do fenomeno. A questão de se saber porque odiamos, encontra-se no atavismo, como suprema causa do élo que une o passado ao presente, e este, esten-

de-se ao futuro. Aqui, vemos que as raizes profundas do nosso « Ego », têm vida propria ao se encarnar no sêr; sendo ele a manifestação corporea de um turbilhão de idéias de querer e não querer. Imaginemos:

— Noite escura! Silêncio sepulcral. Nem uma viv'alma na calada da noite. Tenho a impressão de um cemitério. Ratos horríveis passeiam, livremente, com suas namoradas as ratazanas... A cidade é um sepulcro. Morcegos zumbem na vila morta. Ali, não se ouve o gemido dos que sofrem. Nada se percebe como sombra de vida humana. Súbito, tangem os sinos, repicando fortemente, e a cidade-sepulcro, como que acorda do « Nada », e suas pernas cumpridas e braços se agitam num espasmo de histeria... É a luz da fantasia.

«Basfonds»... O « rouge » e o « carmesin » nos labios sedentos de mulheres que flutuam pela cidade como um aluvião de « gafanhotos »... É o baile dos acrídios. É a música das « serpentinas » saindo das enormes « chaminés »... Correrias; atropelos; os ratos em longas fileiras, deixam a cidade-morta escoltados por bichanos fardados, como uma soldadesca a espantar seus fugitivos inimigos... Sirenes; businas; eis a orgia do progresso... No fundo de uma alcóva, um novo sêr continua a tragédia do « masoquismo » humano. Ah! perversidade. Irmã gêmea da perfídia. A cidade morta, povoada pelas sombras do passado, numa materialização ou potência de viver, acordou de um longo sonho se agitando na vastidão do éter...

O sól, oculta-se nos confins do horisonte, como a centelha do amor se enclausura no ventre feminino para continuar a tragédia do mundo, numa eterna confusão de sentimentos...

O Carnaval.

Pensamento:

O preconceito é a maior mascara do carnaval da vida...

Capítulo V

O CARNAVAL

São consagradas, no mundo inteiro, as cenas do carnaval. É o « tríduo »... O Deus « bacanal » se livra dos grilhões dos preconceitos e passa a viver disfarçado pelas « mascaras »... As fantasias que o carnaval mostra ao povo são variações de cada existência; cada vida, onde o homem aparece vestido pelo mistério ou pela tragédia ou mesmo pela comédia...

O mundo humano, é pequeno realmente para conter a explosão de sentimentos; de recalques delirantes que aparecem flutuando no ambiente. Os homens de côr, se livram dos horríveis recalques que antes lhes afogueiavam o cérebro; ora formando cordões; ora sambando e fazendo ribaltas.. Lá vem o cordão! Samba mirim!... Samba gente de todas as classes; credos e filosofos... Religiosos e beatificos. Todos, sem distinção; num só jato se irmanam aos sentimentos delirantes, que a todos ativa e agita.

Quanta moça bonita, nesses três dias demoniacos, não perde a noção de honra e família, se entregando com volupia ao homem que lhe corteja... Uma das cenas que a minha memória poude concatenar, assim se resume: « Espumava a língua do folião em grande delirio »... Quanto calor naquela noite entumecida... O mar, estava calmo e tranquilo. A noite,

convidativa... As ondas, vinham e iam de vez em quando morrendo numa espuma fria e delicada na areia cristalina...

« Ah! miseravel, gritava a mulher que não era mais do que uma empregada fantasiada de rainha, na solidão da penúmbra. Sem vergonha! Ao seu lado uma mascara (usada no outro carnaval) como que espreitava a cena sem nada dizer... A língua, que vociferava fogo, espumava de encontro ás grandes cavernas silenciosas como num « campo de batalha » os generais em retirada... Isso não violão!... A voz agora mais suave, mais harmoniosa, num espasmo de gozo, como que se mergulhava na penúmbra da noite... A língua, vermelha como um tição, triturante, como uma cobrinha endemoniada, soltava um visgo como quando se sente o « amargo das vicissitudes » e o « belo no prazer »...

— « Isso não violão »... E ardia o fogo da vida... Tem-se a impressão do toque de « clarins »... É a « reflega »! O « general » em retirada...

A imensa tropa, a besta humana, a escorrer seu sangue no « campo de batalha »... Ouve-se o toque suave de « clarins »... O mancebo que se perdia no seu sonho, como se perdem as patas de um «animal» no «lodo da vida», fungava o « general » como um « porco espinho »... Era um « general » sem esporas. Sem cavalo e sem espada... Sentido!... Diante do grito fremente, cheio de emoção, o general, reduzido a situação de mero « cabo de esquadra » perfilou-se todo diante da voz de comando... Um enorme tubo de éter como que lhe varava as entranhas; dilatando seu enorme nariz, que avermelhado penetrava mais e mais... Sentido!... E a voz de comando, sempre austera da mulher, ecoava no abismo da noite....

O mar, reboava uma revolta diante de tanta passividade...

A cueca do « general » mal se sustinha... O inimigo imaginario continuava no « tubo de éter », que era arrebatado, das mãos do homem, pelas da mulher. Soam, novamente, os « clarins ». Tará!... Tará!... Tará!!!!

Eis a cena de recolher... Era o toque de recolher... O « general », mal se sustinha em pé... Sua sombra se confundira com as ondas que se espraiavam, num murmurio alegre, como quando nós singramos num barco a vela regiões desconhecidas...

Voltemos á cena do turbilhão das grandes massas carnavalescas.

Lá, sou eu arrebatada com « frenesi »; um bando de « foliões » condúz-me precipitamente, e sou carregada em delírio. O éter, sobe-me pela mente a dentro, enquanto o turbilhão humano, frenético, gritante, desfila pelas ruas cariocas, na noite quente e convidativa...

Onde me vejo? Sobre um enorme pedestal de glória; minha mente agitada, ardendo em fantasia, observava com dificuldade que a grande colméia humana ardia em êxtase... Ah! êxtase... Que palavra sublime, que afinal nada define. As alas se abriam em grandes fendas, e a luz se transmutava na vastidão das avenidas...

O côro atingia o auge do « paroxismo », quando passava a rainha do Carnaval:

« Deixa a Rainha passar »...
Comecei em Madureira,
Fui á Jacarépagua, —
Também estive em Mangueira,
E aquilo foi um « chuá »...
Desfilei no posto 2, —
E fui á praça Maua, —
Vi muita « nega » maluca, —
E muito brôto a gritar,
Abre alas minha gente,
Deixa a Rainha passar (ôba).

A multidão vivia em mim. E eu vivia nela, com a intensidade jamais vista em outra emoção.

Lá estava eu, afinal, no alto do meu « pedestal » com a mente colorida pelas luzes da cidade...

Do alto daquela confusão de sentimentos, que tomavam a forma de um enorme bolido, o éter subia em minha imaginação...

O despertar da inconciência

Naquele torvelinho humano, que se assemelhava a um « anfiteatro » que resumia as paixões de cada um pensei, por momentos, que o « jogo de imagens », na fantasia, é um ardíl das nossas idéias, que são entoxicadas pela própria vida...

Os « foliões », ao desfilar, como « mascarados », ainda ocultam os seus verdadeiros sentimentos e recalques subjetivos; neles vivendo, todavia, a fantasia dos preconceitos... Os que realmente se fantasiaram, sem usar mascaras, reagiram ao mundo dos sentidos. Reagiram ao mundo da manifestação.

São esses os « Reis da Folia ». Não digamos uma meia mascara... Uma meia mascara capaz de esconder outros aspetos de nossa mente. Tomeis, como exemplo, uma dama ao lado de seu mancebo... Por ventura, ela não se despe inteira? Desaparece ai o preconceito? Sim! Efetivamente. Arrancai essa triste mascara que aparentemente encobre a fogueira do desejo: eis a sua própria simulação.

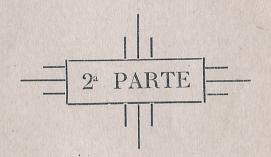
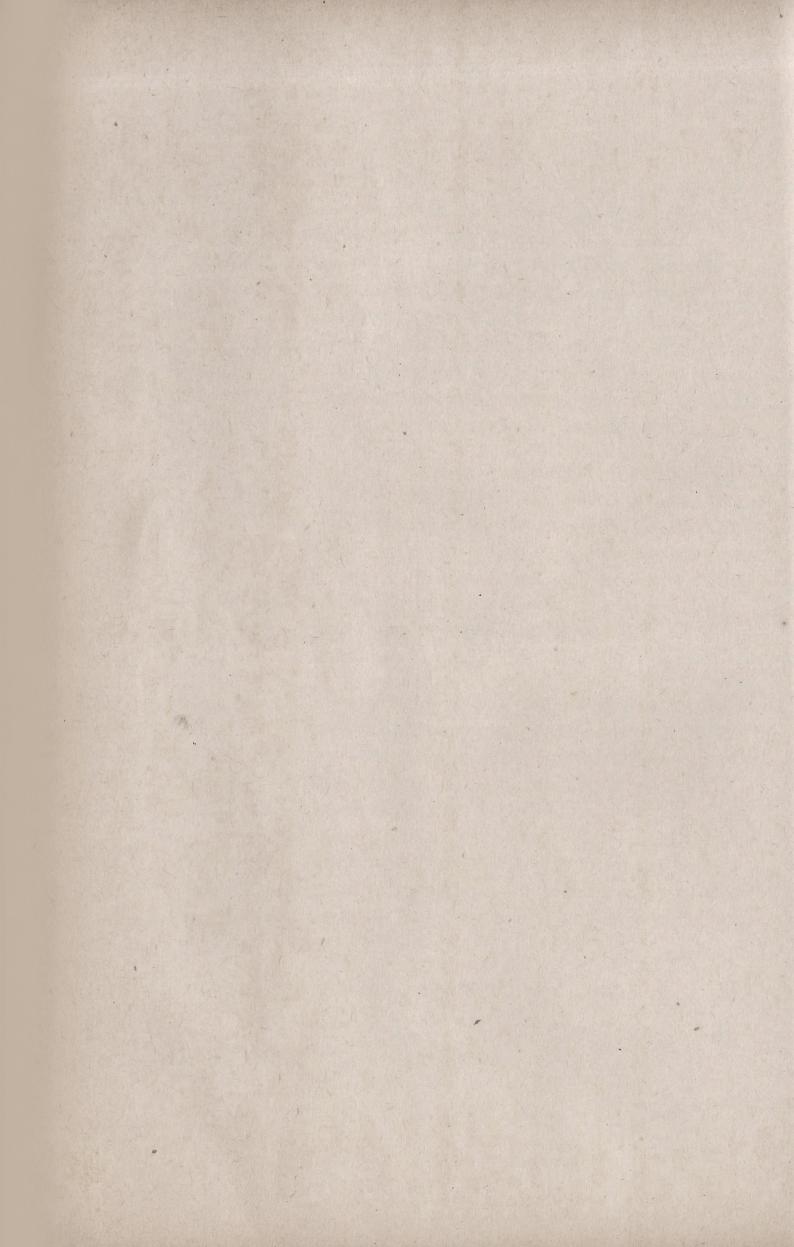
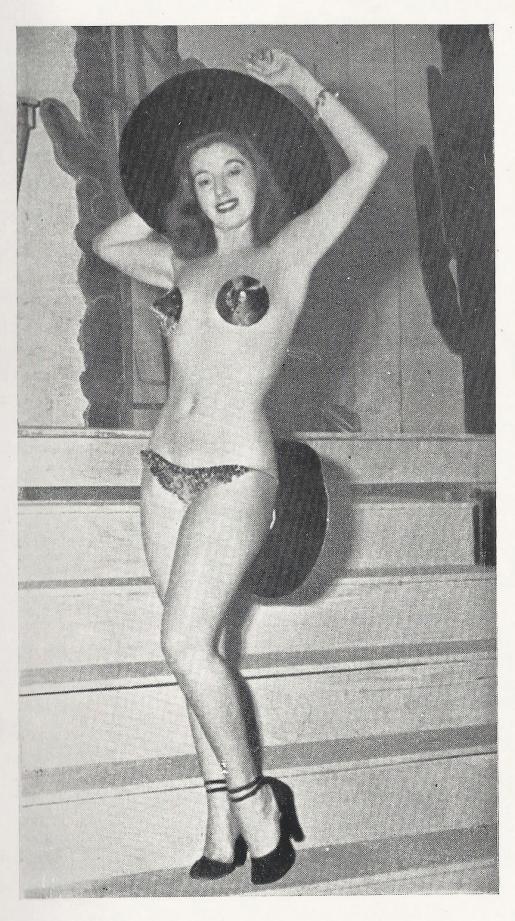
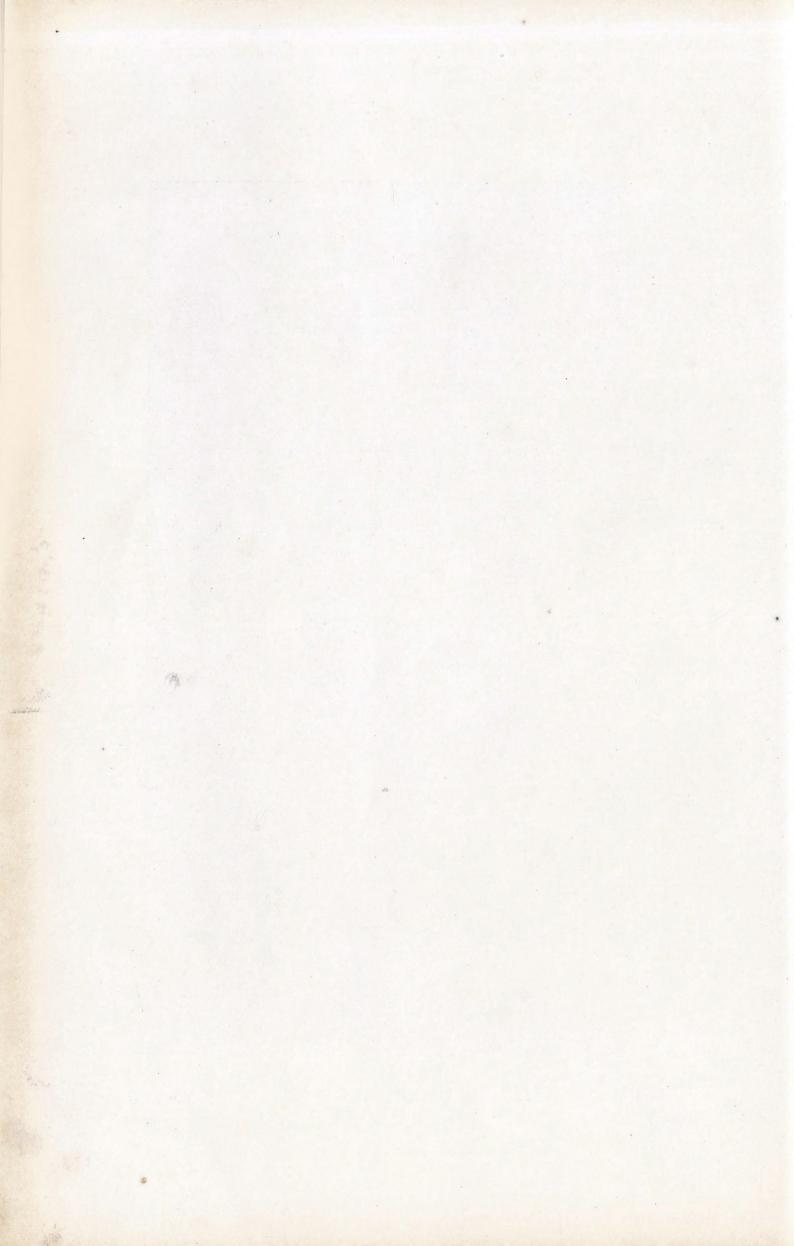
Os cordões sambam com fúria... Vêm os negros e os mulambos representando os tristes aspetos de uma sociedade humana, em sua crescente patologia social. Que dos homens que poderiam velar pelo destino das massas? Que dos homens responsáveis pela dôr humana? Ah! como ás vezes meu semblante se contorcia inteiro ao ter que deparar no campo das lamentações, o som e a gritaria infernal daquela gente, dando largas ao seu instinto.

A massa fervia e refervia em seu designio que era sopitar o inconciente. As espirais de memórias, subiam como a fumaça dos grandes fumadores de ópio. As multidões frenéticas decantavam no meu « Ego » a parte delas; o meu corpo inteiro se constrangia, diante do frio que me arrepiava a espinha, ao receber um fino jato de éter... Outros mais... Lá vinha um « folião » furioso tentanto atravessar as multidões compatas, e, gritando histéricamente tentava romper os imensos cordões policiais que acompanhavam o enorme cortejo de « formigas »... Olhai, a marcha lenta da cavalgada!...

Patinam os animais por entre o murmurio dos que sofrem. É a « reflega ». O outro aspeto da vida... O instinto, irrefreado, assim se revela nas patas dos animais. Sofre a pobre humanidade! Debaixo de sua estrutura, ferve e referve a pureza do amor. Nessa subtileza, repousa, acima de tudo, um conglomerado que ainda, e, em verdade, não nasceu, porque, volta a repetir os mesmos erros eternos. Eis, a beleza incalculável do « Nirvana ».

« Nirvana », essa suprema paz e benaventurança, que surge depois da emoção do gozo: é um espasmo, convidativo, para o recolhimento e silêncio da Vida. Esse estado, só vem depois da grande emoção; do grande espasmo do prazer. Pouco tempo perdura, essa paz! Vi o turbilhão e o desfile de mascaras. Dispamos as nossas e enfrentemos, com absoluta frieza e realidade, o destino e o que nos reserva a nossa própria sorte... Sem nenhuma ocultação de pensamento, o que se passa fóra de nós mesmas, com toda a certeza, para nós mesmas voltará...

Agitado, o « rei momo » acordou de seu pesadêlo...

2ª PARTE

Num « Cabaret » no Mexico.

PENSAMENTO:

A mulher, que se corrompe, é como a estatua abandonada aos vendavais da luxúria...

Capítulo VI

NUM « CABARET » NO MEXICO

Minha imaginação, sedenta de viagens, que agora vos descreve uma de suas grandes emoções, acha-se nas planícies longíncuas do México.

Os costumes típicos daquela gente, revelam um extraordinario misticismo. Sinto, nas fisionomias, que aquela gente simples é uma condensação de revolta e humildade.

Amam e matam, na orgia de um baillado. O desespero do povo mexicano, é identico ao do povo chinês, japonês, árabe e brasileiro...

É uma questão de intensidade de imaginação, quer no sentir e quer na descrição. Enquanto o pormenor; a particularidade é uma consequencia do quadro, da expressão do sentir, a fisionomia carregada e adunca do mexicano (disfarçada nos seus trajes típicos), identifica-se com a indumentaria. O mexicano, odeia sempre. Mantém a flama do ódio para poder manter a potência do instinto. Por momentos que seja, ateia-se-lhe a fagulha do eterno prazer afrodisiaco...

O desejo de sêr, é acompanhado de uma revolta íntima; o desejo de ser, no mexicano, é acompanhado de medo e de mistério, como uma fuga para a compensação que o sofrimento da angústia produz no desejar o objeto amado. O

amor, para o mexicano, é o resultado de grande agitação interior; acompanhada de ódio e reação e de desejo incontido de vingança... Enquanto a mulher mexicana, com realismo vivo, busca amenizar o sofrimento dos homens de sua raça, como um premio da vida aos seus sacrifícios, o mexicano odeia com a intensidade de uma criança e perde-se na languidês do sofisma.

Quando ele ama, chora como criança e esbraveja ante a presença abstrata de um rival. Como eu sentiria a presença, no meio daquela gente, de um homem governado pelo seu próprio instinto? Calma e reflexiva, tenho a idéia ou impressão que um forasteiro ali, naquelas paragens, sentir-se-ia como um Deus perdido no éter das montanhas "Aztecas"...

A música turbilhonava no « cabaret » de Tenampa. Muito mal iluminado, pequenos fócos acesos no intermesclar de lamparinas; fagulhas subiam aos céus num delírio de semi-escuridão e música... Ao longe, a música se tornava cada vez mais suave enquanto os meus passos acompanhavam a cadência musicada. Era completo o grupo. Amigos notivagos, nos braços com lindas mexicanas, caminhavam lado a lado, se aproximando mais e mais da orquestração barulhenta. Tipos sentados... Bebidas em profusão... O « basfonds » na natureza e na essência, ali estava com a côr avermelhada da angústia que predominava nos disfarces...

« *Agua de côco e jangada,*
Saudade que vive em mim... »

Paro num instante de cantarolar a saudade de minha mente... No recinto ouço a música:

« *Perdida, porque há el fango, he rodado* »...
« *Después que destroçaram mis virtudes e mi honor* »...

Luzes tôscas semi acesas; mesas apinhadas, quasi pouco se viam as fisionomias encarquilhadas daquela gente.

Fiquei observando, calmamente, a mulher sentada que exibia um busto nú, a qual bebia « tequila » (uma aguardente mexicana).

Ao seu lado a fisionomia « balzaqueana »; areolada por um grosso bigode, parecia ser o seu « homem », ou seu « muchacho » que a acompanhava no sorvedouro incontido...

Ai, que vejo? O tal « muchacho », não era bem um « muchacho », na exata terminologia do vocabulo, e, sim, era um habitué colérico que blasfemava:

— « Husted mujer de los infiernos, porque no bebes la tequila, com la intensidad que yo »?...

— « Entonces... e a mão grotesca do mexicano culminou-lhe à face...

Um visgo de « tequila », como um orvalho matinal, molhava o dorso da mulher. Ela, na sua função, ao invez de beber como « ficheira » a pobre entornava o liquido... O homem, furioso, queria ver a mulher embriagada. Queria que ela perdesse a razão, porque, o instinto daquele homem (num relance eu senti), só funcionaria depois de absolutamente ébrio... Eu penso: assim é que ele não funcionaria nunca... Entre o dialogo que eu formava comigo mesma (como se dís em nossa gíria) (cá com os meus botões), cheguei a uma conclusão de que aquele homem, na sua fúria, sentiu a possibilidade de não vir-a-ser pae de uma criança... Os seus olhos bulicosos, por vezes enternecidos, vomitavam de encontro a pobre mexicana. Ela, era o seu objeto direto... Que filho não sairia daquele par!... A natureza, ás vezes, na sua imensa confusão, cria sentimentos tão obscuros; tão excusos, que não sabemos ao certo o motivo de tanto balburdia.

Assim, não se chega mais rápidamente á razão da própria existência. Não me contive, notando que o mexicano se esforçava por levar consigo a mulher que se degladiava furiosa e aos gritos: « Larga-me suino de los infiernos ».

— « Suino »...

Afinal, daquele « lufa-lufa » retirou-se o mexicano jurando vingança. Fiquei em dúvida, sobre se ele voltaria ou não.

A mexicana, blasfemando, olhou-me e sussurrou:

« Mira husted que hombre bajo »...

— Venha para a minha mesa (convideia-a delicadamente).

— Que desea señorita?

— Aproxime-se, quero falar-lhe, ajuntei com franquesa e amisade. Conta-me! Por que você se humilha, tanto, bebendo contra sua vontade?

— « Yo percebo de salario minguado, três centavos em cada cálice de « tequila »... Respondeu a mexicana.

« Como la bebida és mui fuerte; tengo la necessidad de atirar-la »....

Se eu lhe arranjasse, por ventura, uma certa quantia... deixaria você essa profissão tão odiosa, e, se regeneraria?

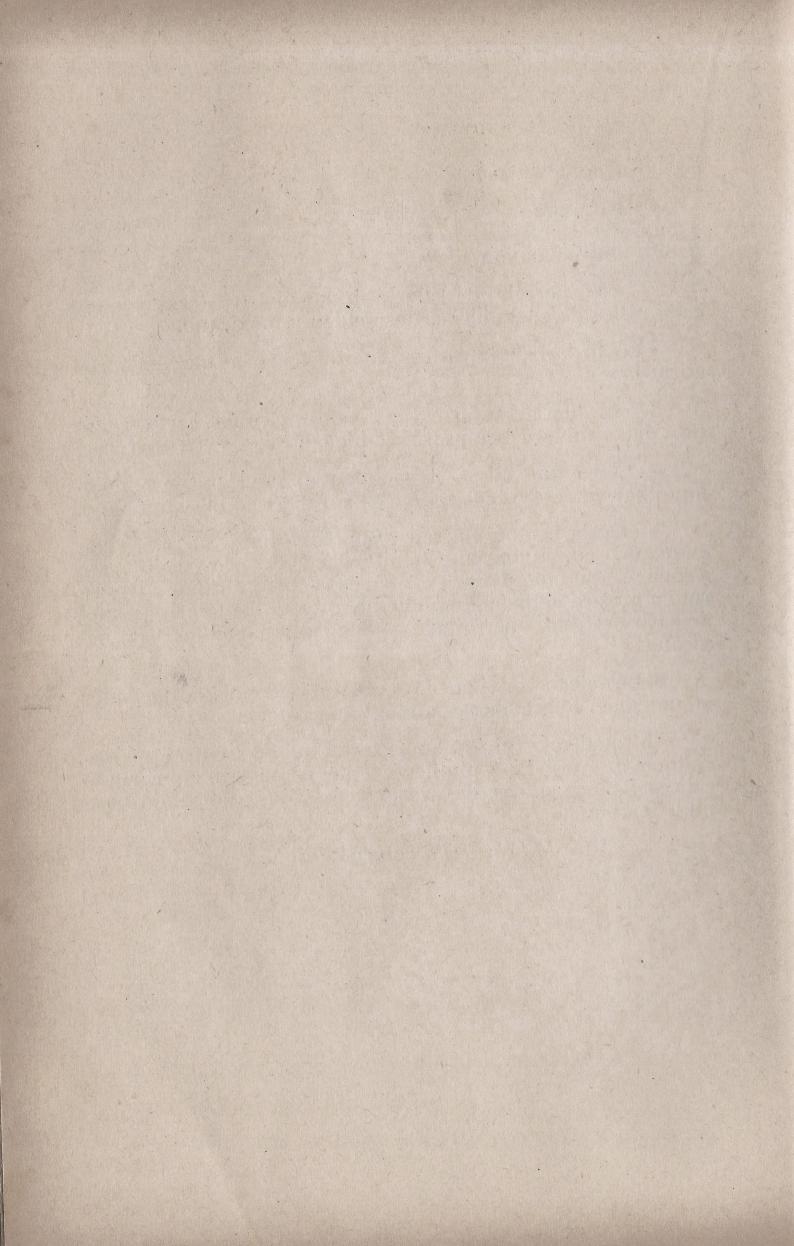
— Claro que si! — respondeu a mexicana, revelando um olhar de desejo incontido e de surpresa ao mesmo tempo.

A alegria brotou em seu rosto, como uma fagulha viva, enquanto eu, num ímpeto de piedade provocado pelo « cognac » que me parecia evolar em vapôres (numa mistura com a música agitada do ambiente) ofereci-lhe um lindo anel de safira estrela, que foi arrebatado, sôfregamente, pela mexicana.

Retornei ao convivio do « cabaret », depois de passados alguns dias, e certa de ver a mexicana regenerada.

Ah! qual não foi o meu espanto, quando entrei no recinto: o que vejo?... A mulher que me comovera, entornando calices e mais calices, dava grandes risadas, e olhando para mim fez blague:

« *Mira la brasilerita reformadora!...*

Que cara... ».

Reação entre a arte e a sociedade.

PENSAMENTO:

Observai! Creai! Mas nunca escravizai-vos, pois, em cada um de nós habita aquele a quem devemos chamar de Eterno...

Capítulo VII

REAÇÃO ENTRE A ARTE E A SOCIEDADE

Entre o mundo dos nossos sentidos e aquilo que se manifesta como conciência subjetiva, vemos a arte pura dos artistas, apesar de todas as intempéries; das reações sociais, nosso mundo subjetivo se manifesta em todo o ardor expressivo da quint'essência da própria Vida. A humanidade, tem como seu bem maior a própria revolta; que culmina nos aplausos — como fuga ao seu desespero... O artista, endeusado pela massa que num instante o repudia e em outro o enaltece, essa mesma massa que antes de ter o contato com a sua sensibilidade e que passa a aplaudí-lo, frenéticamente, torna a repetir o círculo vicioso da revolta como do desejo insatisfeito que vive entranhado no âmago de cada um.

Meu espírito vagueia, como as brumas encantadas dos oceanos... No turbilhão dos meus sentimentos, como os clarões que resplandecem entre duas nuvens revoltadas nas intempéries da Natura, deixando cair dos altos céus, uma mistura de poeira e orvalho, como que emergindo da fantasia o « barro humano », (no centro dos pantanais), vi figuras perdidas na dor e no desespero. As mãos estendidas aos altos, numa mistura soturna de gaivotas delirantes que sobrevoavam os monturos, e, muito ao longe o compasso lento e musicado de « garças » que ostentavam seus trajes tropicais coloridos como as pétalas das rosas.

As multidões do grande torrão pátrio; nos confins de Matto Grosso, com suas dextras horrivelmente voltadas para

as nuvens que lhes cobria a fronte, numa mescla indefinida com o outro aspeto da vida, na sua manifestação primitiva, sulcavam os pantanais (como no começo dos mundos, na idade pré-histórica), os vultos esguios, ali estavam em suas casacas coloridas pela nuance multicor dos holofotes teatrais...

Em verdade, minha sensibilidade de artista via isso, no turbilhão de pensamentos que flutuavam daquela massa...

Meu espírito se volatilizou: flutuando além da atmosfera do ambiente, e, o éco dos aplausos se confundia com o « urro » das onças; a revolta do « leopardos », enquanto a sombra de animais ante-deluvianos se deslisava por sobre a mente da enorme assistência que tomava todos os assentos.

Nas galerias apinhadas, o espírito da massa sofredora como que flutuava... Pairando como sombra de viva revolta, contra um mundo emudecido diante da dor e do desespero da Humanidade.

Ao contemplar, por um momento, a grande assembléia, a grande massa humana, que assomara o « Teatro Alhambra », como um bolido que houvesse acidentalmente caido sôbre aquela parte da terra.

Os aplausos atingiam ao auge; enquanto, o meu corpo inteiro, cobria-se de « violetas » e « jasmins » perfumados, odôres que em mim se extasiavam, irradiando-se para o ambiente exterior.

No momento em que minhas pernas estonteavam a platéia, esta, em frenesi, numa cadência lenta estendia sua enorme dextra que se tornava como um grande fantasma: o próprio « genio da especie », como que querendo perpetuar cada um dos assistentes em mim mesma daquilo que neles era imperfeito... O calor sensual das minhas pernas; o movimento estonteante dos meus « quadris », se irmanava com o perfume das flôres; com o mél das abelhas, cujo zumbido era o éco das multidões de vozes intermescladas pelo grande furor e fumaça que subia em grandes espirais...

Direi que era um grande « bacanal » de idéias; um prelúdio ou ensaio como fuga a realidade. Quantos homens ali não se distanciaram de suas mulheres; homens que ali beberam na mesma taça, satirisaram a sua própria conciência e fiseram daquele grande « basfonds » um recinto de orgia velada, delicada e colorida pela fantasia dos meus sentidos transcendentes. Era isso a minha maior faculdade de pesqui-

sa do instinto humano; tomado em seu conjunto, de uma forma absoluta, como razão da própria existência.

Minha alma, se identificava com o ritmo dos movimentos que em mim era exorcismo; era a continuação da volúpia da massa; era a essência do que sentia ela no contorno dos meus movimentos; e eu, numa só vibração; num só halito, sentia a respiração ofegante da multidão que delirava. A massa sofria comigo, a sua grande dôr ou desespero.

Eu era o seu desespero. Era o seu êxtase. Era a sua alma sofredora que se refugiava em mim mesma!...

A minha alma, não se dividia entre a platéia e as galerias. A massa inteira era eu. A essência das multidões simbolizava o ritimo de mim mesma; como a chama das fogueiras, ardendo, se misturam com o turbilhão da fumaça; os temporais assim, como as nuvens carregadas que se deslisam num delírio de amor, amam-se: « blocos de neve com os blocos de aguaceiro (dos mundos desconhecidos) e desse caos imenso, só via aquela eterna vibração irradiada nas mãos contristadas da massa». Homens e mulheres viviam, num só instante, o momento supremo da minha fantasia. Era eu a razão do próprio Universo que se manifestara na minha concepção de artista. Via na multidão, em suas lágrimas, o leite puríssimo de mães que velavam seus filhos, como nas sepulturas, velam os coveiros os mortos desconhecidos...

Era a morte, o sentimento maior, que ilustrava o desespero do grande povo matogrossense.

Sei que aquela gente não gosta de morte... Tanto é, assim, que mata comumente na defesa de sua honra, de um ideal.

Não falo, num sentido particularizado. Indefinindo o que sinto, pois caminham formas de pensamentos em direção ao éco, que em mim acordam como sublime música chamando ao Deus de minha fantasia.

Que « nétar » de êxtase sente a minha mente, ao antegozar o éco de um aplauso. Como as asas de uma abêlha que se agita no amor do amor, dos meus lábios que tomam o gôsto de delicado mél, se expande, em delírio, o sofrimento dos que gozam e sentem a vida... No amor do sofrimento vibra o ódio do prazer; êsse antagonismo vivo, entre duas forças que se completam num só amplexo, como o « zig-zag » de um raio, no ante-gozo de um espasmo universal.

Projetava eu, ao mundo exterior, a mesma força de desespero que em mim se degladiava, como essência do sofrimento da massa.

Meus risos, enquanto eu ante reabria meus afiados dentes, como querendo mastigar a multidão que me não compreendia, logo se acalmavam, porque, a massa, num delirio de gozo, num espasmo estoico, culminava seu instinto na busca de mim mesma... Era eu o seu complexo infantil. Incitada, incitava os homens. Enquanto meus labios se humedeciam; os olhos da massa entravam em êxtase de fúria; enquanto, os meus « quadris » se movimentavam, movimentavam os olhos delirantes do grande povo matogrossense, como se fôsse ele atear fogo á terra. Em verdade, sabe essa grande e nobre gente amar com fervor selvagem. E eu gosto desse amor... Gosto da brutalidade e da sevícia, que a imaginação em mim se extertora. Vejo naquela gente o fogo eterno de uma revolta indômita; enquanto, sinto que as mulheres perdidas debaixo da sombra dos rosarios não compreenderam bem o sentido sensual de como amam os matogrossenses...

Volátil, sentindo o compasso aveludado dos meus pés, vibrei na assistência o sentimento sublimado do que é puro e o seu espirito, em grande desespero, começou a se projetar na sombra de mim mesma.

Minha alma, tênue como o vapor risonho de uma noite bela, mansa e felis, depois do espasmo sofredor da massa, misturara-se com o perfume dos lírios; com a delícia do « heliotrope », e senti que morreu aquela gente, imortalizando em mim mesma uma multidão de novos seres, que iria continuar os seus aplausos, as risadas, e o calor entumecido das mulheres que sabem amar....

Levei comigo, para as atmosferas, toda a massa compacta de pensamentos sensuais; de desejos recalcados, e lá, bem no alto dos céus, ouvindo o cântico dos cânticos, assisti a explosão no éter da vida daquilo que viera do éter...

O mundo é éter!

O éter é vida, e, a vida é gozo...

O amôr e as raças.

PENSAMENTO:

O gozo é sempre o sublime nétar que embriaga qualquer raça.

Felis é aquele que busca o real na essência do Universo...

CAPÍTULO VIII

O AMOR E AS RAÇAS

O mestiço, é uma identificação entre duas raças diferentes, reagindo contra o meio ambiente biologico que lhe deu origem. O futuro da raça branca depende exclusivamente de eugenia, que é esse estado de melhoramento racial. A raça de côr ama e reproduz guiada únicamente pelo instinto de perfeição que não vê desigualdades raciais ou étnicas.

No entretanto, um homem de côr, ao amar uma mulher branca, ama-a com muito maior intensidade emocional do que comumente se observa no próprio branco.

A escravidão que o desejo de posse determina, no homem de côr, fica limitada ao centro de ação entre o que quer a mulher branca e o que a respeito determina o instinto de viver. O homem de côr ao amar ama em turbilhão; com extase imensurável e se escraviza com tal intensidade à mulher branca, que sua mente não pode compreender a razão porque se enclausurou ao objeto amado. Grave é a circunstância em que se coloca a mulher branca, ao ser amada dessa forma, porque, em sua mente acorda a volúpia do mundo; do autoritarismo; eis porque, a mulher branca assim amada, submete mete o objeto de seu desejo aos seus mínimos caprichos femininos.

Agora, o homem de côr, não aceita nem tolera traição por parte da mulher amada. Está em jogo o destino da espécie que reprodusirá o mestiço... Eis o mulato, essa concepção real da raça branca e negra numa reação social e étnica do preconceito...

Tanto é assim, que o amôr nada tem a ver com os conflitos de raças. Nossa maior preocupação tem sido a fuga aos preconceitos, como nós gostamos de amar, quando amamos, não conhecemos raças.

A mulher ama fervorosamente, enquanto, enfrenta todas as circunstâncias de família; religião ou reação psicológica... É comum nós observarmos os aglomerados de raças, sob a influência da música indigena e africana; isso se observa nos vários ritmos do nosso « folclore », como no « batuque » e no próprio « samba »...

Sinto uma extranha tendência pelos antigos; e, isto, eu o revelo nas minhas fantasias.

As indumentárias que uso, trazem o cunho da antiga Grécia; o « paroxismo » dos árabes; a volúpia da Turquia antiga; o satirismo do velho Egito; a melancolia da velha Italia; nos meus meneios, o « exorcismo » e a sexualidade dos assirios...

No fogo da dança, sinto o misticismo romano, e o desejo estoico de me imortalizar na forma e na locubração dos meneios saturados de « frenesi ». Existe o puro na natureza, como no lôdo há o « lírio ».

Do Universo se desprendem partículas de hidrogênio; estas, saturadas no polen das flôres formam o beijo cristalino dos vegetais.

Como é belo e harmonioso o fluir dos perfumes nos cam-

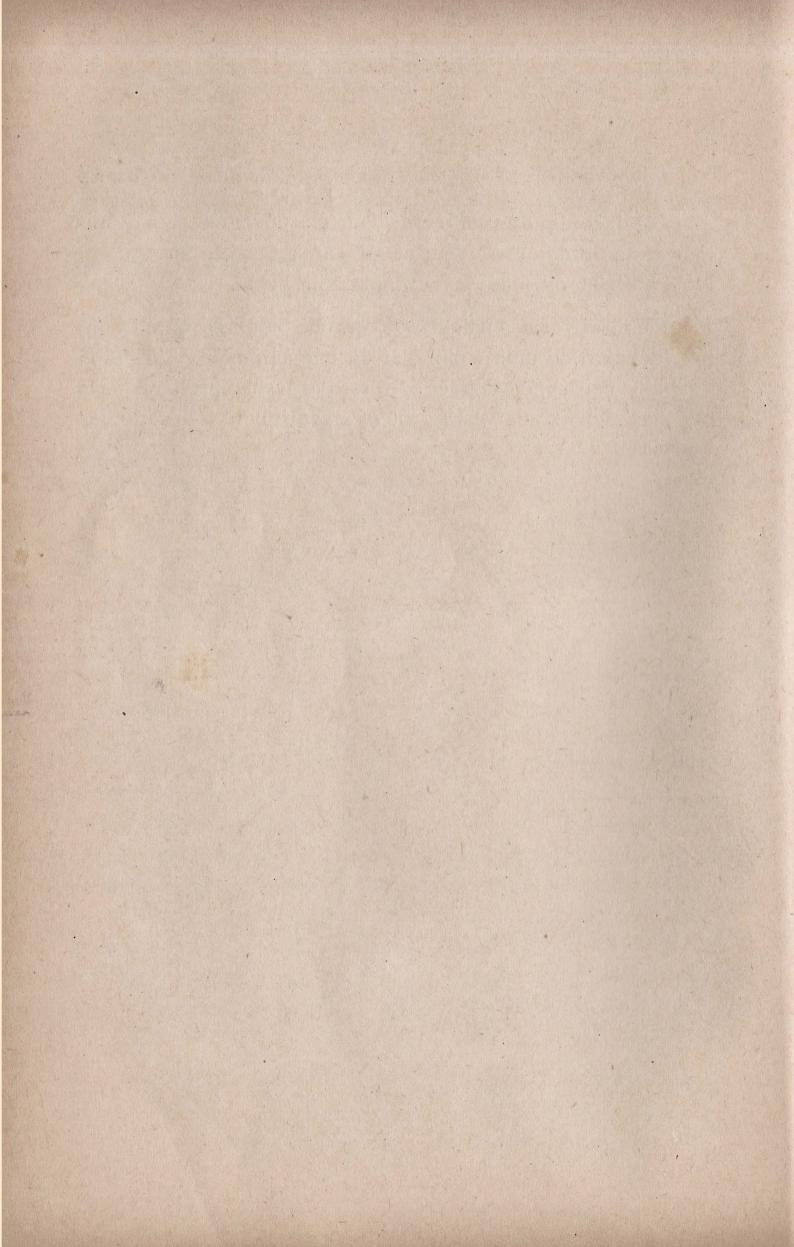
pos... Quando os animais amam, na pureza de seus instintos, vivem eles o gorgeio dos pássaros... Eis a música da vida! Como é sublime a poesia que envolve o vale dos amôres... Lagartos, com seus coletes amarelos, como se estivessem fantasiados de agentes do Tesouro, dão estranhas risadas « ziguezagueando » e formando « serpentines » nas grotas ensolaradas.

O gemido das harpas, é o desespero da mulher; o éco surdo do « gongo », é o nétar selvagem do gênio da Natura. (Quando ouvimos o lamento das multidões): eis o cântico dos jangadeiros. Se os comparamos com a dança selvagem da nossa existência, posta em conflito com o ambiente, nosso coração se sublima e dos nossos olhos jorram lágrimas se assemelhando ao gemido das « cascatas ». São lágrimas da vida! Do turbilhão dos oceanos, surge uma voz compassada de sublime revolta, nos incitando á luta! Ah! seres do meu tempo. Se a posteridade puder um dia julgar as vossas ações, por certo, que eu estarei macomunada com o vosso pecado, porque, me sinto como fagulha pecadora dentro desse imenso caldeirão, onde flameja o grito dos indios; o espasmo dos negros; o sadismo dos brancos; a volúpia da Ásia distante; a revolta da velha Grécia!... Sinto-me como o hálito dos Egipcios; o perfume dos Árabes; os « àlcalis » dos Israelitas e o vírus tóxico dos Assirios. Em mim gravitam milhões de sóes e universos, enquanto os vejo dilacerar-se na minha dança exótica e, em minhas pernas sensuais onde arde o desejo, ateiam-se fogos imensuráveis como se mil fogueiras de São João ardessem ao mesmo tempo... Sou a vida! A deusa dos amôres... Ah! como me vejo no espelho da vida!...

Acariciando a multidão de homens, que de mim se aproximam delirantes e eu, com o meu sorriso, e, a formosura dada pelos Deuses, os acaricio, envolvendo-os no meu perfume...

Povos da terra! As raças têm necessidade de se misturar...

Amai, com a mesma intensidade e ardôr, quer seja a mulher desta ou de outra raça; como « amante » ou marido; como « amigo » ou mero « viandante » na vida...

Lembrai-vos das palavras do grande Salomão: amai sempre; debaixo de uma « moita »; de um « limoeiro », de uma « jaboticabeira », e estendei as vossas capas ás mulheres para que elas, debaixo da vossa proteção, continuem o destino das espécies...

No reino das selvas.

PENSAMENTO:

Assim como o nétar simboliza o amor, no cálice do mal está o veneno da serpente...

Capítulo IX

NO REINO DAS SELVAS...

O amor ,agora, nos sertões bravios do imenso Amazonas.

Os silvos e os cânticos da « passarinhada » aguçaram a minha mente e a minha emoção. O barulho entre os galhos frondosos, despertavam-me a medida que os animais fugiam esbaforidos...

Astuciosamente, percebi que era melhor atrair a pequena onça dando-lhe alimentos ás ocultas...

Usei de meios e metodos que me pareciam acertados, para « catequizar » o animal. Por várias vezes coloquei alimentos á porta de minha cabana e ocultava-me quando a pequena onça dela se aproximava...

Isso, cotidianamente, obrigava-a a repetir a visita e ia ela se acostumando, a tal ponto, que acabou entrando na cabana e comigo se familiriazou (depois de muita cautela e experimentação)... Era o élo de atração que se pronunciava através do tempo; isso determinava uma promiscuidade entre a onça e o ambiente, onde me achava. Com o decorrer do tempo, a minha coragem ia aumentando a medida que perquiria do instinto do felino. Cheguei mesmo a colocar, frente a frente,

o alimento para o animal. Logo, dias após, a onça se alimentava em minhas mãos... Vencia eu a primeira etapa da « catequese » conquistando a indiferença do terrível felino.

O animal, já repousava debaixo das mesas e assentos da cabana. Já me olhava mais mansamente rossnando menos e menos...

Qual não foi o meu espanto ao perceber (quando dormia) que o seu corpo macio se aconchegava, mais e mais, e, num pulo, ela deixou o leito ao pressentir que eu me despertara...

Minha impressão de que poderia morrer sucumbindo aos ataques do terrível felino se desvaneceu com surpresa e alegria para mim.

Sua desconfiança, ás vezes, se acentuava e parecia que ela vivia em permanente estado de observação. Percebi que o seu temor era bem maior que o meu. Um macaco, bem crescido, desses que a ciência o classifica como « cebideo », também habitava em minha cabana... Carinhoso ao extremo, o macaco ia se retraindo de susto e fugia para os altos da cabana ao sentir a presença da onça. Entre ambos havia tamanha rivalidade, que o meu espírito não sabia a que atinar tanta desavença...

Gostaria eu de conciliar aos dois...

A onça, menos dias, mais dias acabaria por fazer « paté » do pobre macaco.

Os ceus turvaram-se repentinamente. Trovões prenunciaram grande tempestade. Arvores que se agitavam, enquanto, a « bicharada » aos gritos, ás correrias, se precipitavam nos altos galhos...

Bandos de « gansos »... « Ciriemas »... « Jacús »... « Pacas »... « Antas »... Tudo em reboliço! Os relampagos, caiam aos borbotões...

Sonhei, acalentada pelo calor da onça, que ao meu lado dormia depois de haver avançado sôbre o pobre macaco e o haver tentado reduzir a frangalhos... Os fundos da cabana apresentava um grande rombo, por onde teria atravessado o ilustre « cebídeo »...

Sobem os homens em direção ao confins da floresta. Assemelham-se, eles, ao colorido das serpentes. São formas semelhantes aos lôbos selvagens, quando, deixam de amar a mulher para viver diferentemente a própria vida natural.

Os varões, de uma forma geral, são como as abêlhas que ascendem ás grandes alturas. Aqueles precisam, para viver, do sucesso e da riqueza. Aquelas, ao contrário, morrem para fazer o mél...

Eis o contraste da vida. Enquanto o homem, de uma forma geral, constroi para poder subsistir, muitos voadores (e mesmo animais mamiferos), perecem no conflito da natureza.

Morrem, para dar lugar á sobrevivência de outros da mesma espécie.

Enquanto a « mariposa » ao sair do casulo (que era o seu mundo anterior) cria para seu « habitat » um círculo vicioso, o « cagado » arrasta-se através dos séculos, porém, cumprindo os mesmos designios eternos.

São os contrastes da floresta que levam o homem a ver, nessas metamorfoses, as maravilhas desse mundo do qual dependemos tão estreitamente para a nossa sobrevivência.

Ao contemplarmos as arvores gigantes, que são velhas como os séculos, e que nasceram sobre os escombros dos nossos maiores (que são os nossos antepassados), sentimos que elas representam parte de nós mesmas.

Meus olhos, vivos como a luz das florestas, no seu verde

claro e tonalidade escura, viram grandes camaleões sonhando com os « ciprestes » selvagens; tinha a impressão de ver neles um ministro com sua indumentaria em dia de grande gala... Mais além deparei com os caramujos; a onça indômita, aproximou-se de um deles e disse-lhe:

— Sabe você que eu sou a « rainha da floresta »?

Caramujo: — Você quando muito é um animal cheio de orgulho e que força alguma tem...

A onça furiosa, com suas unhas medonhamente afiadas, aproximou-se e disse-lhe:

— Com uma patada sou capaz de esmagá-lo...

O caramujo, sorridente, olhou para o focinho da onça e retrucou:

— Experimente se quiser...

A onça furiosa, estendeu com violência sua pata e com surpreza viu que o caramujo havia se recolhido dentro da crosta, zombeteiramente, e com risos ocos, sua voz ecoava de dentro da casca:

« Experimente! » « Experimente sua força »...

Mais além, vi a dança alegre de « cebideos », que do alto dos frondosos galhos, faziam ribaltas...

Alguns « saguis » festejavam-se à minha passagem. Aproximando-me de um deles, tive a oportunidade de acariciá-lo e mimá-lo, enquanto, os demais saltitavam ao meu lado... Tomei de uma moeda e pude observar que o « sagui » enciumou-se quando percebeu que eu acariciava o seu irmão da espécie...

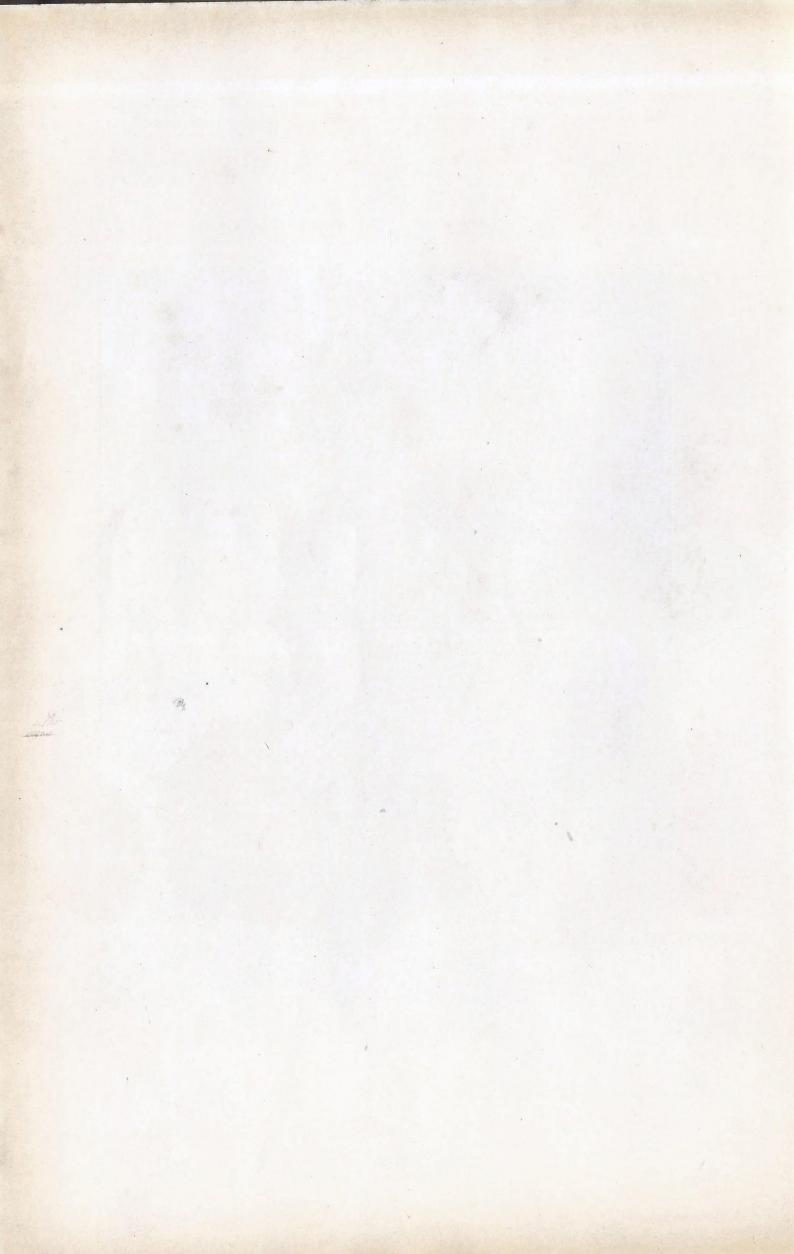
Sonhando, minha alma vôou distante, vindo pairar sobre as multidões cariocas... Era o meu povo! A minha gente!...

Conduzida em delírio, sobre o lírico festim, a voz da massa cantarolava reboando nas arterias da cidade:

« La vem ela passando
A Rainha da Mata....
Trazendo a « bicharada »...
Pr'a com ela desfilar ».
« Trás o macaco, o elefante e o leão...
Só a cobra é que não pode
Desfilar neste cordão »...

« A Rainha da mata
Está aqui pr'a desfilar
Ela tem muita graça
E é mesmo de abafar
Quando ela passa
Do macaco ao leão
E também a multidão
Faz: Ai, ai, ai
Ai, ai, ai, ai »...

Do alto da minha poltrona de « majestade da mata » pensava eu: « A terra seria um Paraizo se não houvessem as serpentes »...

O amor e a « tara ».

PENSAMENTO:

O « alcapuz » que usa o carrasco para imolar sua vitima, não difere muito da tara humana: naquele eu vejo o designio, e, nesta a assência do gozo desviada do seu objetivo natural.

Capítulo X

O AMOR E A « TARA »

A maior tragédia do mundo contemporâneo, resulta de sua imensa incompreensão, quando ele se agita no panorama da vida sem entendê-lo...

As luzes se apagam, enquanto outras se acendem, nas ruas iluminando « vivendas » que aparentemente revelam tranquilidade e harmonia... Por dentro, entre os muros das « vivendas », arde a chama do conflito. A revolta do homem contra o homem! A revolta da mulher contra o mundo que a escraviza! O alcool, é uma fuga ao mundo dos sentidos. O asfalto frio da cidade, transparece momentos de viva emoção.

Há os que enfrentam a grande tragédia humana, com o cinismo e a coragem próprias de quem realmente é estoico. Outros, mais bulicosos, vivem na comédia com o riso sempre voltado para o baile eterno das mascaras. Lembro-me bem! O vapôr do mundo entoxicava o turbilhão das gentes... Como a criança que atormentada pelo prazer de um brinquedo busca destrui-lo, assim, é o homem que vê nos seus semelhantes uma legião de « cavalos de pau »... Na cela núa e fria lá estava eu banhada na revolta que em mim crescia com intensidade. As dôres físicas, resultantes da grosseira ofensa em mim cometida, prenunciavam uma ofensa cometida contra toda a Humanidade (por certo que eu sou parte integrante dela)...

O corpo que arfava em delírio; que agita multidões como que sofreu a mesma ofensa de que foi vitima a mãe do próprio Cezar: martirizada pelo sadismo louco e desenfreado de seu próprio filho... « Cassetetes » e « unhadas »... « Ponta-pés » violentos, como se eu fôra bola de « foot-baal »...

Sentia-me humilhada como artista e como mulher. De vez em quando, varios funcionarios do presidio onde me meteram, na espalhafatosa cena se aproximavam da cela onde me achava e, em termos de baixo calão dirigiam-me ofensas que talvez justificasse a hediondes do mundo em que eles vivem... Viam-se, no meu corpo, sulcos avermelhados... Não eram só « equimoses » no sentido expressivo e científico, porém, tão recentes, que simbolizavam a marca das brutalidades que eu sofri...

Meu diário íntimo demonstraria minha exata biografia como mulher em toda a plenitude, e, assim denunciaria o diálogo triste, entre o existente e o não existente... Diria que uma espécie de pesadelo terminara aquele lindo sonho... Tão delicado onde meu espírito, bailara antes ao lado das multidões...

Seria como a violenta posse de uma mulher virgem, que sente o véu de sua fantasia cair diante da inexorável ofensa do macho enraivecido pelo desejo... Ei-lo sem poesia nem arte, violentando a donsela num só impulso animalêsco... Via o meu semblante, sombras horríveis, naquele ambiente tétrico...

Fóra, no turbilhão das ruas, a massa circulava como sangue nas veias de um grande monstro salpicado de horrôr e lama... Dentro da masmorra, das grades onde me encontrava, tinha eu a impressão de uma tragédia cujo papel central me compelia a rir de ódio, ao mundo que ali me enclausurara. Os garôtos apregoavam os Jornais e o eco daquelas vozes vinha até o meu calabouço... Via-me e sentia arrepios de revolta... As idéias que eu fasia, do que se passava no mundo exterior, tornavam-se-me, a princípio, confusas no borborinho indefinido. Uma atmosfera de surpresa caiu sobre o ambiente... Os guardas já não riam mais!

Algo de misterioso e indecifrável prenunciava uma revolta muda. Os jornalistas, meus verdadeiros amigos, esses que fasem da rotativa o sagrado livro aberto para as chagas

das multidões, ali se comprimiam, num vozerio intenso, exigindo a minha libertação. « Deve ser libertada ». « A Elvira Pagã »... « Deve ser libertada »... O éco reproduzia na minha mente como um sonho agitado... Os pequenos jornaleiros, gritavam mais e mais: « Elvira Pagã, na prisão »!!! Dos meus pés, sentia que os grilhões iam se dilacerando, como as rodas de um moinho que se parte de encontro ao esforço sobrenatural de um gigante revoltado que lhe tenta desagregar a estrutura...

Elvira Pagã, saiu da prisão!... Os ferrôlhos se abriram e o seu éco se reproduzia na minha memória; uma dessas memórias tenebrosas, que nenhum vivente gosta de invocar sem vislumbrar a mais negra revolta... Na tragédia do mundo que nos rodeia; na viva revolta do borborinho, as idéias enclausuram a nossa razão, e um samba nasceu...

« CASSETETE NÃO »

Eu que nem bem conhecia,
Aquele estranho rapaz...
Me viu sentada com outro ai! (BIS)
E me mandou espancar!...

Cassetete não,
Cassetete não, (BIS)
Não adianta, tú não terás meu coração!...

Vendo que não conseguia,
Me derrubar o cartaz...
Pra que eu ficasse marcada ai! (BIS)
Mandou-me aprisionar!...

Cassetete não,
Cassetete não,
Não adianta tú não terás meu coração!...

Os dias se passaram, com intensidade febril. As perseguições do processo dantêsco, por delito de desacato e desobediência, ecoavam no meu mundo sensível de artista. Equimo-

sada; rubra de ódio, minha mente se agitava mais e mais... Sonhava eu na tragédia de um grande pesadêlo. Indiferente, concentrada, senti que a morte (na teoria de Palmenides) era um bem maior... Meus olhos como que cerravam-se para sempre: no vapor das minhas idéias!... Uma música preludiou a marcha fúnebre. Coragem de viver! Coragem de morrer... Qual das duas faces do movimento, mais intensidade de emoção poderia nos alcandorar, mais e mais?... Ah! Agitada, sedenta de desejo que formava um grande espasmo desconhecido na minha natureza, uma voz desconhecida e lânguida chamava-me em direção ao além... Um turbilhão de almas caminhava compassadamente enquanto uma voz cavernosa ria no éco da noite...

Ah! Ah! Ah! Elvira Pagã dos demônios, venha ao nosso lado... Batem as asas dos « morcegos » que avançam compassadamente, como se fôssem grandes « generais alemães » nos seus clássicos « passos-de-ganso ». Minha imaginação, dançava como « rubi » na taça do veneno do mundo... O rubi crescia em côr e tamanho... Tomava a forma de chama; ora aumentava ora tornava-se fria e sideral... Via flocos de neve! Tomava-me de arrepios... No baile florido; no lírico festim, os morcegos conduziam um pequeno caixão...:

Um pequeno caixão onde me via sob a forma de uma linda boneca, vestida de camponeza... Os olhos ridentes, o colorido da face, o rubor extranho aureolando o sorriso encantado... Os cabelos me envolviam e o busto exangue tombava no marmore frio... A lamina cortante, rasgava parte de mim mesma e se misturava com o horror da medonha ferida aberta... O sangue jorrava aos borbotões... Risos gostosos no mundo do além... Sombras gritantes saltavam de nuvem em nuvem, e a mesma risada satânica de uma velha horrível ecoava na solidão tenebrosa da noite:

Ah! Ah!!! Ah... « Elvira Pagã »...

O éco surdo do meu corpo tombando, e a impressão de que ele inteiro nadava no vinho da vida; no vinho da morte...

Meu féretro caminhava em direção ao infinito!

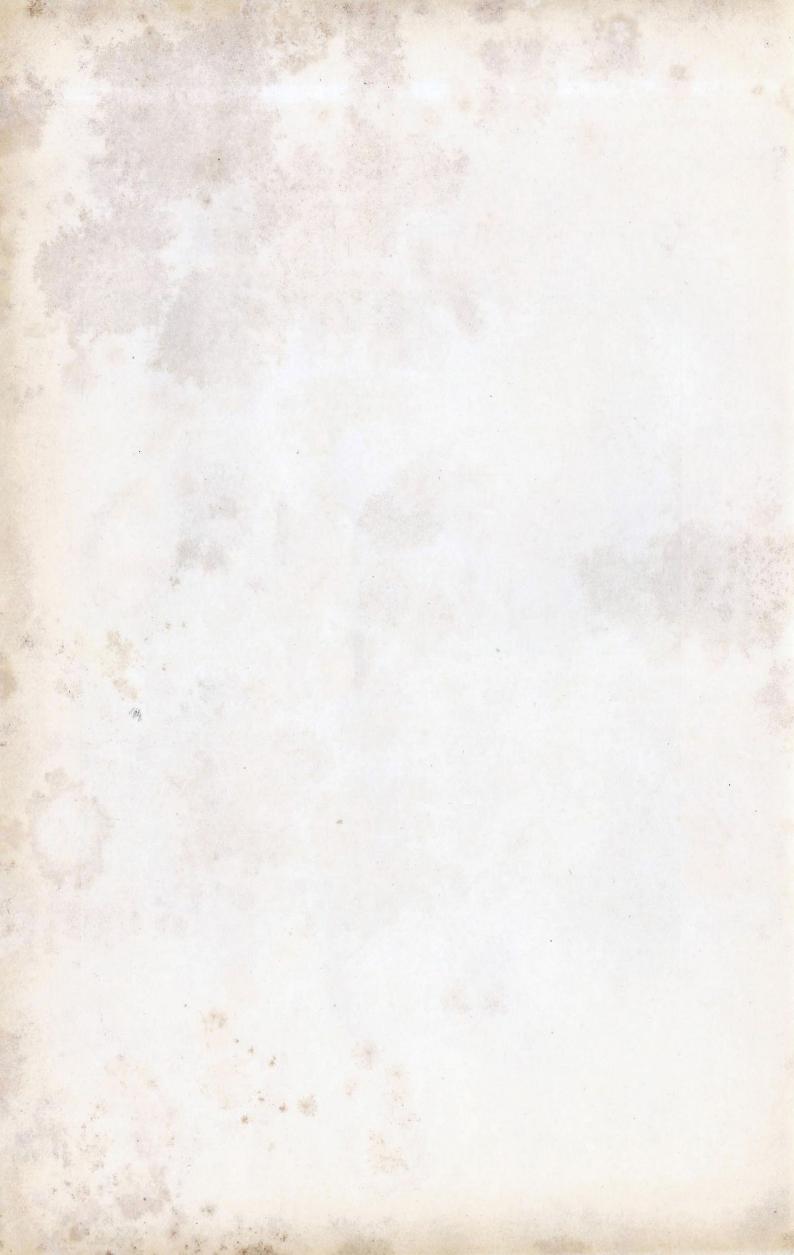
Os « morcegos, « sadistas », mudam a forma e o aspeto da fantasia, e conduzindo o « esquife » executam números de música...

Flutuando, entre a vida e a morte, meu espírito bailava vendo que o « esquife » caminhava sosinho... Dentro dele dançavam lúgubres « mochos », que, gargalhando estendiam taças e mais taças enchendo-as do vinho delirante... Bêbados, caminhavam sobre o « esquife », uns ao lado dos outros, enquanto os corvos risonhos, que sobrevoavam a tétrica caminhada, dão silvos de alegria ao ver que dentro do caixão a matéria se transformava em vinho... De repente, os « mochos » que bailavam embriagados, eram transformados, como por milagre, em lindos « pombos » que sobrevoavam, risonhos, o cortejo que se desfasia, e fasiam côro com os rouxinoes que entoavam lindas melodias...

Uma chuva de pétalas de rosas, tirou-me do horrível « esquife » fasendo-me voltar ao mundo. Voltar ao mundo que espia a dôr dos artistas e ri do palhaço...

Afinal, não viemos do esforço, do supremo esforço entre lágrimas?

O riso é dôr... A dôr é riso...

Ceia dos « fantasmas ».

PENSAMENTO:

Para àqueles que não difere, a vida da morte, neles habita um fantasma...

Capítulo XI

CEIA DOS « FANTASMAS »...

Como caminham as sombras dos homens que não acordaram para a beleza do amôr, ou melhor, como caminham os homens que vivem nas sombras do amor eis um tema de palpitante emoção para o mundo contemporâneo. A nossa sociedade se preocupa quasi que inteiramente com a presença fisica do homem, mas, esquece-se da existência moral do mesmo sêr.

O sub-conciente é a maior força que vive com realidade absoluta dentro de cada um. Logo, a existência humana, não é como se imagina, um mero amontoado de complexos anatômicos e célulares que possa se destruir pela contingência momentânea daquilo que chamamos de « morte ». Os « fantasmas » são determinismos existentes em todas as fases da nossa vida, ou incidentes, que se criam a medida que o nosso conflito mental vae elaborando o fenomeno. A seguir, eu imagino como realidade objetiva do mundo em que vivemos, as reações de uma série de causas e efeitos, elaborando a estrutura do pensamento humano de forma diversa. Por exemplo: nós sentimos a elaboração das reações mentais postas em conflito com o mundo dos sentidos. Estes, em ultima e final hipótese, representam, em verdade, o inteligente, o existente como causa do próprio Universo. Manifestação e causa, são leis invariaveis existindo no conjunto de nossa formação mental como memoria através do tempo. Tentarei descrever-vos o que senti, nesta minha peregrinação pelo mundo das emoções, pelo mundo das

experiencias, e, desde logo, algo de sublime encontrareis na agudeza das provas que eu irei vos descrever. Num dos meus « shows » para o mundo da manifestação; para essa sociedade que vive em mim com a intensidade e a paixão jamais vivas em outro sêr, com que delirio de misticismo e emoção altamente sublimadas poude me conduzir pelo borborinho de novas sendas por onde meu « Eu » agitado e amante do belo e da arte, ia percorrendo, em sua locubração, e assim, descrever-vos-ei, agora, a emoção dos leprosos neste capítulo. Denominando-o de « ceia dos fantasmas », tive em mira compará-los ao sêres errantes que flutuam na imaginação das massas populares e que os alemães em sua filosofia transcendente, chamam de « Dopelganger » ou fantasma em nosso idioma. Os leprosos vivem, pois, segregados do mundo que os rodeia, revoltados contra o mesmo mundo da manifestação e não podem esses homens e mulheres, compreender ao certo a razão predominante do motivo evidente que os levou ao « claustro ».

Por uma questão de ética profissional, de sentimento humano também, não vos descreverei a emoção que senti de forma a ditar o local onde estive na minha caminhada artistica. A isso eu chamo de verdadeira peregrinação.

Em contato com esse aglomerado de sofredores, minha imaginação foi se diluindo como assucar candy em boca de criança... Como que fiquei, a principio, estarrecida. O delirio dos leprólogos se intermesclava com o gemido dos internados. Os leprosos gemiam no riso ardente, e, de suas bocas martires, vi que a saliva se transparecia no horror dos labios. Chagas, profundas, se abriam e dilaceravam o meu coração. Tive impetos de frieza e revolta interna. Tive momentos de duvida e alucinação e recuei aos primeiros momentos de sensação artistica. O entusiasmo em mim se manifestava com a ondulação de horror. Aqueles sêres, se reproduziam na saliva e nos olhos, que afogueados, delirantes como que me queimavam de desejo r,ecalcado e eu era a mulher, simbolo de sua imaginação que iria se prestar para conceber seus filhos imaturos, vivendo, quem sabe, na profundeza do subconciente. Era eu a mulher que ali se prestaria, nas convulsões da dança, para um único momento possivel de emoção. Eu me meneiava a medida que a saliva agitante se escorria como um filamento de chaga pela boca cheia de sofrimento daquela gente. Dava-lhes o meu suspiro e dava-lhes o nétar do meu gemido interior. Tinha eu a impressão de ser um pintor aquecido pela medonha impressão de um quadro pintado em noite de tempestade, como se na tormenta tivessem sido sacrificadas milhões de crianças...

Era o aborto prematuro daquela gente que em mim se reproduzia, num relance de imaginação eu os matava a todos com a rapides dos raios, pois, em meu ventre eles não se perpetuavam... Todavia, minhas idéias caminhavam na cruzada sacrosanta de os confortar por um momento siquer...

Iniciei a dança macabra dos fantasmas que a minha imaginação ia construindo... Era eu a responsavel, a assassina de milhões de leprosos que tentaram se projetar em mim mesma, através do desejo e do horror. Era a minha angustia de artista a fugir tetricamente de tamanha onda de desespero e dor. Via naqueles homens a caminhada dos sofredores da inquisição.

Eu os via sob esse prisma de emoção e privava com eles no ambiente de agitação e era eu o seu anestético. Era eu o seu éter. Era a sua tragédia sublimada na comédia. Aumentava eu o sofrimento daquela gente, e, ao envez de minorar-lhe a dor, sentia que aqueles homens mais e mais se incitavam diante da dança macabra... Era o banquete. O eterno banquete. Um bacanal sob a forma de loucura desmedida entre o grotêsco e o burlêsco. Era como se o periodo da resnascença voltasse ao medievalismo... Como se a aristocracia regredisse ao feudalismo. Era uma mescla de confusão, agitação e dor. Sofria o passado da Humanidade pelos seus grandes crimes e eu os espiava na minha dança e nos meus meneios, cheios de desespero. Comeco o grande turbilhão. Começo a dança de Herodes contra seu povo...

Tinha eu a impressão de que as colunas do Colyseo iam se ruindo inteiras sobre mim. Vi Sansão dar gostosas gargalhadas, passar por cima das nossas cabeças e tive a impressão de que uma enorme maquina elétrica raspava o couro cabeludo daquela gente... Enfermeiros ás correrias; iam me agarrar... Ai, que horror... Conta o vulgo que eles esfregando a pele em uma mulher formosa, dão-se por curados. Ai, que dos lepró-logos que me não ouviam?... O éter me cambaleava como se eu tivesse saido de uma enorme maternidade que comportasse os medonhos abortos, num só instante... Como me sentia... Cambaleante, no meio da furia da dança macabra, via o banquete... Ah! banquete de minha fantasia! Ah! funeral dos que sofrem. Tudo enfim era pesadêlo. O horror não cessava, e, a marcha incandescia o meu coração que pulava e fasia ruidos iguais aos tambores de um exercito em marcha lenta...

A enorme massa, como um bolido de sofredores, prorrompeu em gritaria infernal:

— Elvira de « biquini »... Tira a roupa toda... Tudo...

Isso não! Absolutamente não... As minhas pernas, como que se misturaram também com as chagas daquela gente. Oh! que sofrimento e que delírio de experiência. Que emoção extraordinaria sentia o meu « Eu » diante daquela imensa algasarra.

Que nobre gente aquela que expõe na agudeza da prova e da vida, o amontoado de chagas, enquanto, do meu lado sentia que os homens em liberdade, têm muitos deles, chagas iguais por dentro. Uma questão de diferenciação e de diagnóstico. E os ossos se amontoavam em profusão... As caveiras, medonhamente dispostas, rearticulavam-se e suas mandibulas vociferavam a tragédia daquela gente. Os ossos ruiam os ossos, diria eu. Os ossos se reagrupavam, como se reagruparam na imaginação do grande Napoleão nas estepes russas...

Flamarion, que diria do meu sentir? Ah! se as estrelas que bailam no firmamento insondável, pudessem nos dizer de sua beleza, por certo, o meu vôo para ele se alçou...

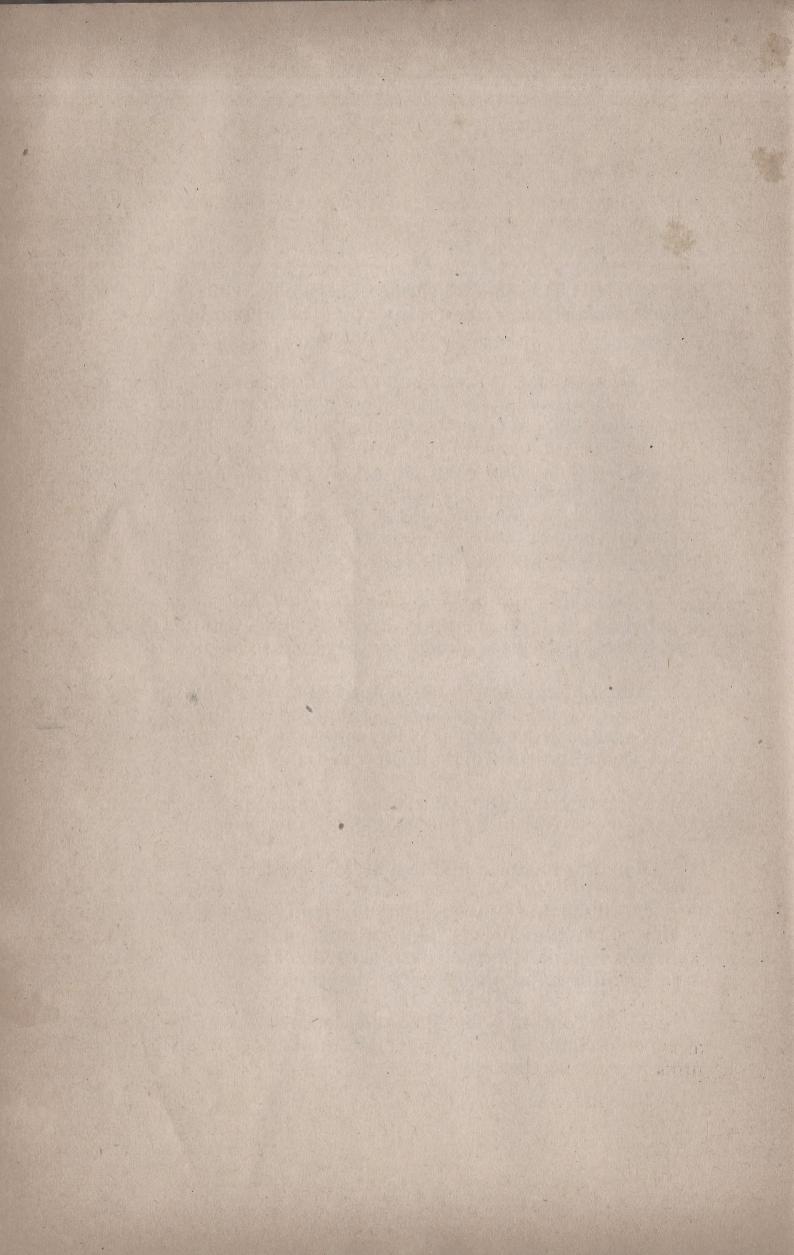
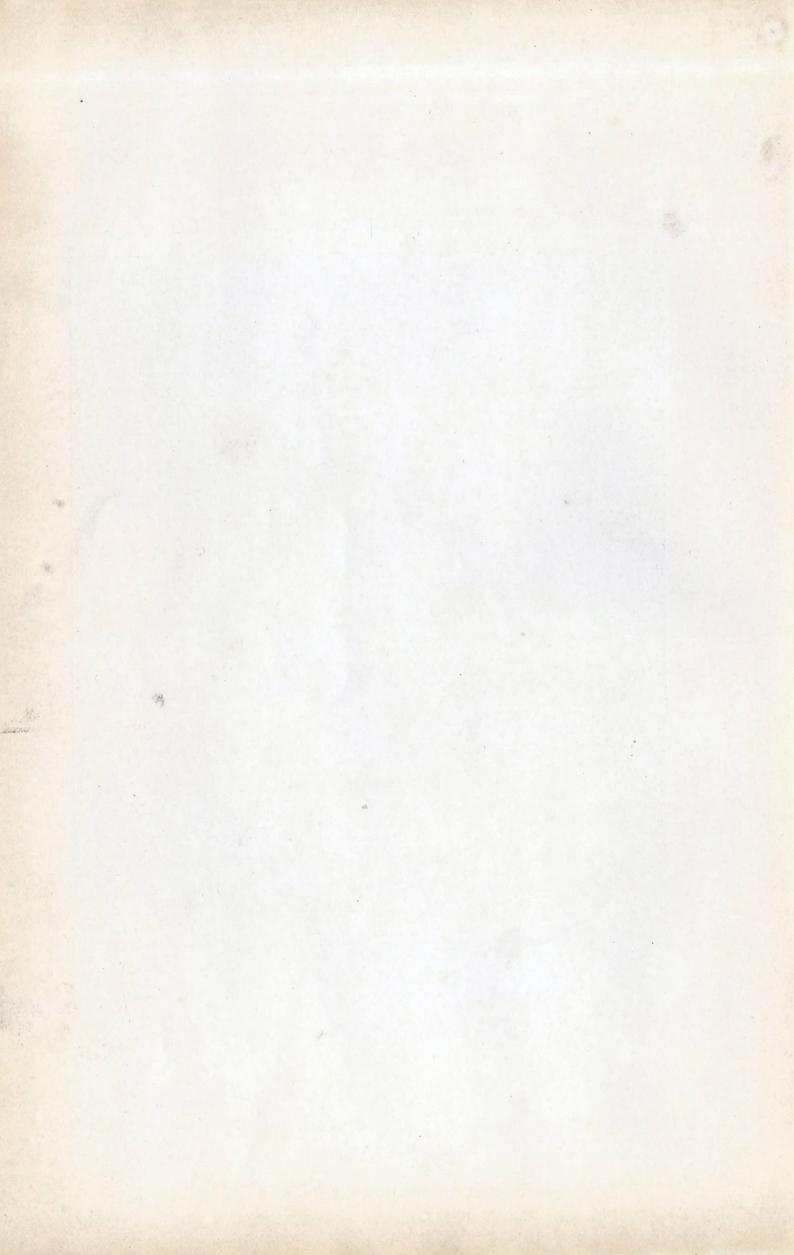
Minha imaginação, mais e mais se contraia ao ver que as sombras no banquete se deleitavam compassadamente. Os ossos se agrupavam e deliberavam, soturnamente, sobre a forma de proceder, no futuro, da ilustre Humanidade.

No êxtase da cêna, encerrando-a como um capítulo emocionante que vibrou na intensidade do meu sêr, pensei:

Mais um mistério que liga a vida á morte...

Os filhos dos leprosos, que nascem sãos, depois de segregados, são realmente os pais na continuação da espécie? Se são, não vejo motivo para desespero. As chagas poderão continuar ocultas na alma sofredora da criança.

Se, ao contrário, os filhos dos leprosos não continuarem a especie como ligação psico-anátomo-biológica, então, mais uma vez eu vos digo:

Na vida está a morte...

O sonho dos Samurais

PENSAMENTO:

O sonho é a vida vista pelo prisma de um grande « carroucel »...

Capítulo XII

O SONHO DOS SAMURAIS

Desvendemos, agora, o sonho dos « samurais »... O povo chinês, tem na mistura do sangue uma revolta natural contra o japonês. Esse ódio, nós vamos encontrar explicação mais adiante quando abordarmos a psicopatologia como problema primordial na manifestação psicologica dessa gente. O povo asiatico; que nós chamariamos de povo « amarelo » tem uma disposição congênita pelo amor á morte.

Ama o japonês a morte e vê nela uma explicação plausível aos seus problemas. Nesse amor, na intensidade de emoção pelo desconhecido, de uma forma absoluta, o japonês não se refugia dos problemas metapsiquicos como razão de seus estudos e de sua crença. Vejo bem nessa gente, a crença na imortalidade, como « tabú » sem uma perfeita ligação científica com a realidade da ciência.

Em verdade, a crença do japonês leva-o ao crime; ao desespero como razão elevada da dor... O odio, é uma manifestação hereditaria daquele povo?

Se o japonês ama e odeia com a mesma intensidade, confundindo emoção com rancor, em verdade, a hereditariedade

psiquica aqui como que se esboroa, porque, a genética nos dís que é impossível provar-se a ligação infinita do vivo ao morto... Mas, se de um lado aceitamos essa hipótese, por outro, como se explica que os filhos de leprosos nasçam perfeitos? Não são filhos de pae e mãe leprosos? O genio da espécie, todavia, tem absoluto cuidado em presservar a prole das chagas paternas. Por que esse cuidado seletivo, nascendo leprosos, os filhos destes, encontrariam a mesma reação de seus pais que segregados, continuariam a odiar o mundo ou ama-lo de conformidade com o estado de oposto ou divisão mental em que se encontrasse o individuo, perante o ambiente exterior? Logo, se de um lado, o japonês ama, e, de outro odeia o chinês, com todas as suas forças, que diriamos de um chinês « reencarnado » na família japonesa? Que diriamos de um japonês « reencarnado » na família chinêsa?

Odiariam os pais o filho de outra raça? Teriam eles intuição de que o filho que veio ao mundo não pertence a comunidade? Ora, muito mais intuitivo e racional que a hipótese do desconhecimento da origem nos levasse a conclusão ultima de que, realmente, esse desconhecimento é uma sábia lei da vida, para impedir que os pais enforcassem no nascedouro o filho. Que diria a mãe ao amamentar um filho se soubesse que ele é seu velho inimigo? Amamenta-lo-ia por ventura? O amor, por conseguinte, é governado, exclusivamente, por uma força sobrenatural.

Nele está a essência do Universo. Mas, como se explica a hereditariedade de pai para filho, se antes se odiavam e agora se amam? Por força dos opóstos, penso que na súmula de um está o outro oposto. No amor repousa, na substância o ódio. Fugir a ele ou modificá-lo, seria dar colorido variado na mistura de tintas diferentes para fantasiar a nossa imaginação. Nestas condições, o mais acertado é perquirirmos do que sentimos, e ouvimos, na busca do Desconhecido.

De uma forma geral o japonês é estoico por índole. Sofre as maiores agruras sem, contudo, se identificar com a razão do sofrimento. Por ele o mundo seria um eterno circulo vi-

cioso de dor e sofrimento. Em verdade, essa gente não encontra nenhum prazer no mundo dos sentidos. São mecânicos os japoneses e tudo fasem sem nenhuma emoção. Basta atentarmos para a arte do povo japonês. Não ri. Não chora. Não se movimenta. Seus anceios exprimem, quasi únicamente, a languidês ou indiferença pelos destinos do mundo. A mulher, por exemplo, é extremamente conformada e passiva. Pouco ou nada lhe interessa o destino da própria prole...

Conformada ao extremo ela ama e sente o destino dos seus, e os compara aos vendavais que vem e passam, como vem a bonança e cessa a borrasca. Meras contingências e acontecimentos ocasionais. Como pensaria a mulher japonesa, sôbre seu filho de origem chinesa? Aqui gostaria eu que vós leitores, em profunda meditação, investigasse a questão, observando, detidamente, a raça em conjunto ou particularmente o individuo em separado.

O suicidio de um membro da raça amarela, que esta mesma denomina de « harakiri », numa sintese de destruição da vida como simbolo de crença na imortalidade, esprime com exatidão um dado periodo do desespero que leva o homem a tentar e por côbro à vida. Isto, de forma exponencial, revela carateristicos profundos de um desespero que encontra justificativa na crença absoluta da imortalidade.

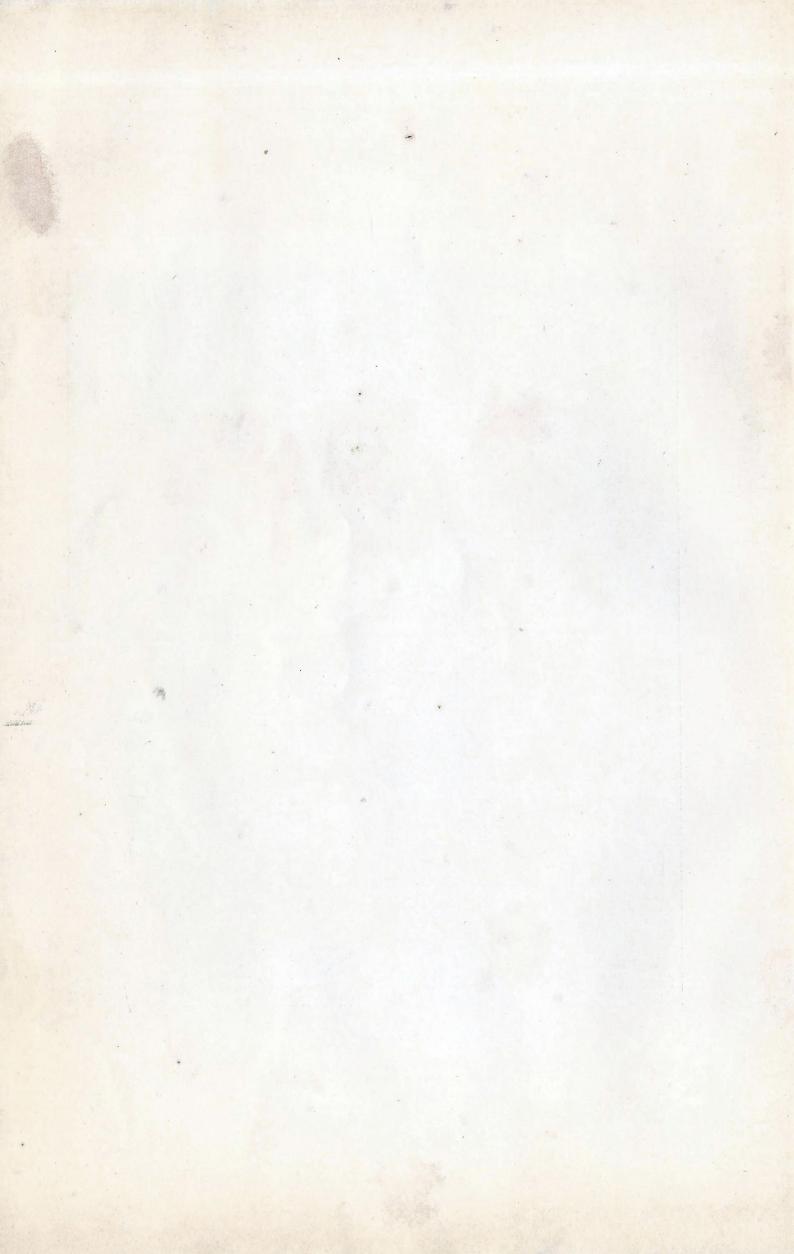
Muito embora o nipônico ou chinês, não acreditem que a sobrevivência é um fenomeno e sim causa absoluta da própria existência, o fato é que ele revela a mesma intensidade emocional de quem atenta contra a vida de outrem, porém, o ser determinado é ele mesmo, que passa a exprimir um turbilhão de sêres os quais são em si mesmos destruidos. A isso eu chamo de conflito de memórias.

De conflito de uma mente conturbada. Quais os seus sonhos mais transcendentes? Em que repousam eles sinão na certeza, quasi que sobrenatural do pré-existente?

Lembrai-vos, das pesquisas de Crookes. O grande cientista, na sua ancia desmedida ao sondar o Desconhecido, buscou

e encontrou provas tão evidentes que materializaram a sua concepção sobre o além de ciência (mais para si do que para o mundo). Em verdade, não poderiamos chamar a isso, que denominamos de « fenomenos do além », como sendo uma expressão cientifica com dados positivos. Logo, o positivismo científico, muitas vezes repousa o seu pedestal no negativismo da própria ciência. A lógica, por exemplo, tem suas falhas que evidenciam os êrros de raciocinio. Atkinson, um dos grandes pensadores que escreveu « Las Leys del Raciocinio » também errou prematuramente, pois, a lógica intuitiva veio nos demonstrar que a Psicologia geral, em suas divisões, encontrou no lado introspetivo profundas raizes independentes, assim, sendo pela nomenclatura determinados os varios fenomenos intuitivos como razão viva na própria psicologia experimental.

A bem pouco tempo, não se acreditava nas leis operatorias da circunsição craneana, como a lobotomia, e, no entretanto, provas mais recentes demonstraram a perfeita possibilidade dessa intervenção, e assim, eu penso que num futuro não remoto estejam plenamente demonstrados os fenomenos psiquicos como existentes na profundeza do sêr e como existentes além do espaço e do tempo. Jay Hudson, ao escrever « Lei de los Fenomenos Psiquicos » errou tão redondamente, que, ao atribuir a um porco, qualidades de « metempsicose » que me sinto na obrigação literaria de demonstrar que a metempsicose não tem aplicação ao genero humano. Um porco, quando muito voltará como um « suino », mera figura de expressão... Não creio, assim, que os personagens descritos no capítulo « O amor e a tara », por terem a mera expressão de um « suino » sejam em verdade, por analogia, um membro humano que haja se « reencarnado » como um animal de outro genero e classe... Seria o caso de investigarmos todos os fenomenos e causas que assoberbam a mente humana, com a isenção de ânimos e absoluta tranquilidade de espirito, para que, só assim, pudessemos chegar á raiz central da matéria. Se a vida do povo japonês encontra éco na paz dos chineses, só pelo amor esses dois povos estarão um dia unificados na paz dos séculos.

O Amor.

PENSAMENTO:

« *Na purificação do amor*
Encontrareis em abundância
A essência do Universo... »

Capítulo XIII

O AMOR.

E como sintese total de o que é o amor, vos descreverei, de maneira clara e precisa, a minha teoria sôbre essa dadiva que nos doaram os Deuses, e que é, a purificação de ncs mesmos... Um ser que ama á outro ser, o faz de maneira desprendida e sincera, arrancando a « mascara » do preconceito, assim como qualquer sentimento de orgulho ou superioridade.

A felicidade porém, que proporciona esse sentimento aos que « amam de verdade » é tão intensa, que o sacrificio passa a ser um prazer para o ser que ama e é amado. Como um exemplo vivo da realidade da vida, eu vos citarei alguns dos grandes amores da história, como: Sansão e Dalila, e Cesar e Cleopatra, seres que buscaram e encontraram a essência do verdadeiro amor, unificando-se em vida « num só ser », e proseguindo, mais além, na purificação « eterna » quando na morte encontraram a perpetuação dos seus sentimentos. Aquele que ama e é amado, não vê a vida sôbre aspetos mundanos e materiais; nele a vida passa a ser, como um preludio do que realmente será a « verdadeira vida » atravéz da « eternidade ». O tempo é apenas um fator existente que servirá de escada ao mais alto dos pináculos que atingirá e culminará na integração dos próprios « sóis » como reunião total e renovação constante da chama que em vida ateia o próprio instinto e incentiva o verdadeiro amor, atravéz do « gozo »; essência que desvenda a razão do « Universo ». O calôr que sentem dois seres que se

amam, no ato vivo da « Cópula » mais não é do que uma ínfima e redusida parcela de o que é composto o próprio sól, que em turbilhão incessante de calôr, renova-se no próprio « fogo » ... e desse fogo; ardem chamas, chamas estas que iradiam o calôr que nós necessitamos em vida, para aquecer á matéria, que se transformará em fogo, novamente...

O « gozo » é o eterno netar, e a sumula da razão dos mundos. A mãe, ao dar a luz á seu filho, sente uma extranha dôr, que mais não é do que um « espasmo de gozo » em proporção elevada. A criança que nasceu do gozo, também; goza, ao seu primeiro contato com o mundo terreno. Quando adulta, não conhece ainda o mistério, que derivou o seu nascimento, mais, guiada pelo « instinto », busca e muitas vezes encontra « o verdadeiro amor ». Só por esse sentimento, é que ela passa a se interessar, pelos problemas da vida « material » como sejam: lutar, vencêr, pensar em ser pae, enriquecer, e se puder, um dia, chegar á ser « Rei »...

Poucos são porem, os seres « Endeusados » que encontram a « verdadeira » essência da « eterna vida »... Enganan-se eles, em vida pensando ter encontrado o seu verdadeiro « companheiro ». Dahí resultam, os « castigos » da humanidade, que « paga » pela sua « incomprensão ». Quantas vêzes, um « fiél » pae de familia, pois diz que ama á sua mulher, seu lar e seus filhos e é admirado por seus amigos, que o consideram, como um «« homem exemplar », não « mantem » permanente « contato sensual » com a sua amante?... Ora, esse sêr, nunca poderá encontrar a « felicidade eterna », pois é cégo, á razão da sua própria existência. Não realisa ele que nunca será possível amar, com a mesma intensidade, á dois seres ao mesmo tempo? Desconhece ele, tantos segredos que encerram a própria vida, e por isso, na sua ignorância que é multiplicada, por « milhões » de adeptos, passa a « ocupar » noventa por cento da humanidade. Humanidade esta, que para chegar a « compreensão » necessitaria de uma « renovação » parcial de maneira de sêr. No mundo não haveriam adulteros, nem tão pouco prostitutas...

A mulher, simbolo do próprio « universo », pois é a mãe « dos mundos », deve por todos os meios, convencer-se, que só ela, poderá modificar o destino da humanidade, que é governada pelos homens, ao contrário, do que deveria sêr. — Não é a mulher, fisicamente, um sêr mais perfeito do que os homens? — Não é por ela, que ele nace vive e morre? — Pois bem; de nós deverá partir a iniciativa de sermos a razão da existência do homem, e por isso guiá-lo pelo « caminho cer-

to ». Para chegarmos á « perfeição » necessitamos: « amar e ser amadas ». Onde porém encontrar o verdadeiro amor? — Agora vos digo; — é tão facil, minhas amigas... e ahí vae uma mensagem, que será a primeira, que vos citarei, nesse imenso rosário, que ditarvos-ei, e que vos desvendará o mistério da própria vida. Antes porém vos digo: « Na vida está a morte ». « A morte é gozo e o gozo é morte ».

Quando sentires que no acto da cópula o gozo é comparado como um despreendimento da « alma », de fáto estareis gozando. No ato sentistes que vos entregastes inteira ao outro sêr; estareis amando portanto. Certesa tereis porém, que o « outro » ou « outra » dedicou-vos esse mesmo sentimento?... Ahí está o « erro » principal da humanidade que ainda não quis compreender a essência do « verdadeiro amor » que o levará mais tarde « a felicidade eterna » que mais não é do que: o gozo infinito.

O mundo é gozo. Vêde como goza o mar, ao beijar as areias cristalinas... O sól vibra e queima-se inteiro, quando através de seus raios, beija suavemente os planetas que o rodeiam... Sendo o sól, para a terra, a fonte da vida, representa-nos ele, parceladamente, a razão do próprio « Universo ».

Uma mulher nascida num pais tropical, ama com muito mais intensidade do que uma que nasceu em terras frias, pois goza muito mais... Uma coisa porém, quero que estejais convictas, não confundais: amar, não é apenas gozar. Fosse assim e as prostitutas não seriam consideradas como « adulteras » e sim apenas mulheres que amam com intensidade... Não! E é, justamente aqui, o ponto que eu desejo abordar, pois justamente « delas » é que nasce o destino errôneo da humanidade, culminando nos castigos atróses, que o mundo terreno nos oferece, quando deparamos, com os milhões de leprózos existentes sôbre a face da terra e menos além, os aleijados, tarados e asassinos... Sofrem eles em vida, os castigos que o levaram ao « claustro », e que eles não podem compreender, pois se tivessem compreendido não teriam chegado á esse ponto de retroção. Terão eles que recomeçar, inteiramente o ponto inicial de suas vidas, evoluindo de geração em geração, até chegarem a perfeição, que, culminará com a sua « felicidade eterna »...

Á aqueles que fazem do amor a sua doutrina, eu perguntarei agora: — Qual o instante de maiór felicidade seja ela de segundos ou minutos que vós sentís em vida? E eles certamente me responderão: — O instante de felicidade maiór que encontro na vida, é o gozo. Teremos nesses então, os primeiros

dicipulos para o aperfeiçoamento e purificação da humanidade. Serão esses os primeiros mensageiros; os que creem na doutrina do amor; sentimento grandioso e puro que encerra o « verdadeiro gozo ». Serão esses que ampliarão as minhas teorias, e eu verei neles a multiplicação da verdadeira vida e a purificação de milhões de « Almas ».

Quando se ama, e se é amado, não se odeia com grande intensidade á ninguem, pois as energias são gastas em preocupações, carinhos e muitas vezes o próprio ódio, é dedicado ao ser que se ama; quanto aos demais, esses dependerão das sobras de sentimentos, que restarão dos seres amados. Ora, sendo assim, as guerras deixariam de existir, pois os « responsáveis » por esse « acto » monstruoso da humanidade, teriam que pensar primeiro, no sêr amado. Dependeria entretanto, mais uma vez da Mulher que nesse caso deveria ser a amante, ou esposa de um desses « responsáveis ». Se de facto, um desses « responsáveis » tivesse encontrado o « seu caminho certo », a sua companheira, deveria guiá-lo... Não possue a mulher, a maiór das armas?

Imaginemos, que neste imenso turbilhão, em que vive o mundo atual, existissem, mulheres, capases de levar avante o destino da humanidade; — não seria tão facil evitar as guerras desnecessárias? — Bastaria para isso, entretanto, que elas realmente amassem, e fossem amadas. Como me referí em trecho anterior, o amor, é despido de qualquer sentimento de superioridade. Ao contrário disto, os seres devem amar-se, sem qualquer sentimento de egoismo reciproco. Ora; quando realmente se ama, e se é amado, o mundo inteiro, passa a se resumir, em apenas um pequeno trecho do mesmo; tanto são felises numa cabana, como num palacete. A sensação produzida pelo contato se dois corpos de apaixonados tanto é « vivida » numa esteira de palha, como num sofá de setim... O amor, não exige portanto, tamanho sacrificio, á ponto de paises terem de ser conquistados... Os crimes, os roubos, tudo isso passaria á deixar de existir, uma vês que a mulher assim o quisesse.

E é á vós mulheres de todas as raças e côr, que eu apélo, para o aperfeiçoamento da humanidade. Amai, amai e amai... Para isso porém, tereis que deixar de lado o orgulho e a vaidade, quando estiverdes com o seu « eleito »... Despí-vos dos preconceitos... no amor, não existe o pecado! O pecado está, ao contrário quando ocultáis, através do « não desprendimento » essa sublime dadiva que nos doaram os Deuses; que é o gozo através do amor...

FIM

Vida e Morte

POR

ELVIRA PAGÃ

***

1.ª Edição

5.000 EXEMPLARES

***

SÃO PAULO -:- BRASIL

Nº 5046 Cr$ 60,00

Composto, Impresso e Revisto na Grafica Salerno Ltda. - Rua Pinheiros, 1657 - Fone 8-3903 - S. Paulo